

Gabriela Sulzbach

**COREIA DO SUL: UMA AGENDA CULTURAL EM PROL DA INSERÇÃO
INTERNACIONAL**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso em Relações Internacionais da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Me. Rafael Kirst

Santa Cruz do Sul

2022

AGRADECIMENTOS

Esta sessão pertence a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para minha jornada. Ao longo dessa trajetória pude conhecer, conviver e contar com o suporte de pessoas de grande conhecimento e sabedoria, sempre dispostas a compartilhar estes e prestar suporte para que eu pudesse atingir meus objetivos.

Sou grata a todos os colegas de universidade e amigos que se fizeram presentes em todos os momentos relevantes desse percurso. Parceiros de vida que me fortaleceram e estimularam meu crescimento ao longo desta jornada acadêmica. Meu obrigada aos amigos que me ajudaram a superar as dificuldades por meio de risadas e trocas de ideias.

Agradeço aos professores da universidade, em especial ao meu orientador. Profissionais que me auxiliaram e mostraram novas percepções no campo dos estudos, mas também do mundo e da vida, afinal as Relações Internacionais têm na compreensão do Sistema Internacional sua essência, mas também é necessário ter empatia para compreender as mais diversas visões.

Um agradecimento especial a minha mãe e minha irmã, meus pilares, o porto seguro onde posso buscar conforto e conselho. Obrigada a todos por estarem presentes nesse momento de encerramento de um ciclo, e espero poder continuar contando com todos para as novas etapas que estão por vir.

RESUMO

A presente monografia busca observar a formação de um país de desenvolvimento recente, mas de tradição milenar e sua jornada de inserção internacional por meio da cooperação entre Estado, indústria e sociedade. Com uma retomada histórica, a observação do desenvolvimento do Estado e da sua organização usando os recursos disponíveis para implementar uma agenda cultural, vemos a cooperação em prol da inserção internacional. E para analisar este caso, observamos fenômenos como a industrialização do país e a *Hallyu Wave*, além do uso de dados e bibliografias para a retomada de conceitos e informações que demonstram a inserção sul-coreana. Dessa forma, primeiro passamos por uma breve revisão das principais teorias de Relações Internacionais que levaram a elaboração do conceito de *soft power*. Então iniciamos uma análise da interação entre Estado, indústria e sociedade, que trabalham de forma conjunta para a promoção do desenvolvimento. Uma retomada histórica é necessária para observar as raízes do desenvolvimento do país e quais foram os principais atores desse fenômeno. Assim, partimos para a relação sul-coreana com governos autoritários e posteriormente democrático, a atuação dos conglomerados industriais denominados *chaebols* e a participação da sociedade. Em seguida, a *Hallyu Wave* surge como um fenômeno derivado dessa interação entre três atores internos, e passa a ser utilizada como um meio para promover a Coreia do Sul no SI. Por fim, são elencados dados como IDH e o indexador de *soft power* do instituto *Brand Finance*, além de acontecimentos como a sediação de eventos como as Olimpíadas, e a mediação de tensões políticas como entre Coreia do Norte e Estados Unidos da América. Estes dados e informações nos permitem comprovar um crescimento na participação e interação sul-coreana com outros atores internacionais, e desse modo nos permitem observar a possível maior inserção internacional sul-coreana, por meio de uma agenda cultural.

Palavras-chave: *Soft Power*. Coreia do Sul. Inserção Internacional. Tripla Hélice.

ABSTRACT

This monography seeks to observe the formation of a country of recent development, but with a millenary tradition and its journey of international insertion through cooperation between State, industry and society. With a historical resumption, the observation of the development of the State and its organization using the available resources to implement a cultural agenda, we see cooperation in favor of international insertion. And to analyze this case, we observe phenomena such as the industrialization of the country and the *Hallyu Wave*, in addition to the use of data and bibliographies for the recovery of concepts and information that demonstrate the South Korean insertion. Thus, we first go through a brief review of the main theories of International Relations that led to the elaboration of the concept of soft power. So we started an analysis of the interaction between State, industry and society, which work together to promote development. A historical review is necessary to observe the roots of the country's development and who were the main actors of this phenomenon. Following with the South Korean relationship with authoritarian and later democratic governments, the performance of industrial conglomerates called chaebols and the participation of society. Then, the *Hallyu Wave* emerges as a phenomenon derived from this interaction between three internal actors, and is used as a way to promote South Korea in the IS. Finally, data such as the HDI and the soft power index of the *Brand Finance* institute are listed, as well as events such as the hosting of events such as the Olympics, and the mediation of political tensions such as between North Korea and the United States of America. These data and information allow us to prove a growth in South Korean participation and interaction with other international actors, and in this way allow us to observe the possible greater South Korean international insertion, through a cultural agenda.

Keywords: Soft Power. South Korea. International Insertion. Triple Helix.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
1.1	Problema de pesquisa.....	9
1.2	Objetivos	9
1.2.1	Objetivo geral.....	9
1.2.2	Objetivos específicos	9
1.3	Justificativa	9
1.4	Metodologia.....	11
2	REFERENCIAL TEÓRICO	14
2.1	O conceito de poder nas Relações Internacionais	14
2.2	O Realismo e sua visão do Sistema Internacional.....	15
2.3	O Liberalismo e a perspectiva de poder	18
2.4	<i>Soft e Hard Power</i>	21
2.5	O modelo de interação pela Tripla Hélice	25
2.6	A Tripla Hélice sob a perspectiva da indústria cultural.....	34
3	A COREIA DO SUL E SUA FORMAÇÃO	37
3.1	As primeiras décadas da Coreia do Sul.....	37
3.2	O desenvolvimento industrial.....	41
3.3	<i>Chaebols</i>	43
3.4	Influência governamental no desenvolvimento	46
3.5	O paralelo entre mão de obra e educação	49
4	A INSERÇÃO DA COREIA DO SUL NO SISTEMA INTERNACIONAL	52
4.1	Incentivo a Indústria Cultural.....	53
4.2	<i>Hallyu Wave</i>	54
4.3	As consequências da indústria cultural na influência da Coreia do	

Sul	58
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	65

1 INTRODUÇÃO

O Estado sul-coreano foi moldado pelos eventos históricos que ocorreram em seu território, as invasões estrangeiras, divisão do país e guerras, além dos regimes ditatoriais que acarretaram no desenvolvimento de um país com cultura rica e multifacetada. No período da Guerra Fria e da formação efetiva da República da Coreia, a imagem do país estava ligada diretamente aos Estados Unidos da América, associada como um braço norte-americano na Ásia, e dessa forma um Estado de menor expressão internacional. Os novos regimes governamentais que se instalam no Estado junto com um grupo dominante formado pelas elites, estabelecem uma série de incentivos e políticas que permitem aos poucos à Coreia do Sul se estabelecer como um ator potencial frente ao SI, na década de 1990, quando o país atinge um papel de destaque, passando a integrar o grupo dos países denominados Tigres Asiáticos (BAN, 2010). A atração de capital estrangeiro para investimento possibilitou não somente o desenvolvimento industrial do país, como também alavancou a educação e conseqüentemente a mão de obra disponível, elevando os padrões econômicos da Coreia do Sul.

Entretanto, se destacar apenas como uma potência econômica era um desafio se comparado a outros países que possuíam o mesmo objetivo, mas tinham um crescimento muito acelerado, como a China. Assim, a Coreia do Sul precisava de uma alternativa para sua maior inserção internacional. A implementação de uma agenda cultural se deu de maneira espontânea, e posteriormente, passou a ser implementada de maneira estratégica. No início dos anos 2000 já podemos identificar eventos nos quais essa agenda passa a ser colocada em prática, tendo como marco inicial a Copa do Mundo de Futebol de 2002, sediada em parceria com o Japão - outro marco que será posteriormente explorado devido as relações complexas entre os dois Estados.

A cultura coreana é possui tradições milenares e influências de outros países asiáticos que ocuparam a península coreana por séculos, como a China e o Japão. Já a cultura *pop* ocidental se disseminou por meio da globalização em todo o mundo. No entanto, a Coreia do Sul soube agregar alguns de seus elementos a sua própria cultura, e assim estabelecer um novo fenômeno cultural. Apesar de carregar aspectos culturais não originais, isso não tornou a cultura *pop* coreana comum ou simples, e conseqüentemente irrelevante, mas permitiu que a cultura sul-coreana alcançasse outros continentes, e tivesse uma relação de aproximação com o mundo Ocidental. E

dessa forma, se destacasse por sua singularidade e multiculturalidade.

A Coreia do Sul tem uma trajetória marcada por regimes autoritários e políticas de abertura econômica e industrial. E é do relacionamento entre Estado e a elite industrial do país que podemos notar o começo do crescimento sul-coreano, que mais tarde incorpora a sociedade e passa a investir no potencial da indústria cultural para promover sua inserção internacional. O trabalho conjunto das elites industriais sul-coreanas com o governo e o apoio da sociedade, possibilitou um avanço da influência cultural sul-coreana com consequências tanto para sua inserção internacional quanto para desenvolvimento interno, ou seja, por meio da tripla hélice.

A *Hallyu Wave* se mostrou uma ferramenta de grande alcance, tanto em questões econômicas e comerciais, mas também populares. A cultura *pop* faz parte do cotidiano do mundo globalizado e o fenômeno cultural sul-coreano vem conseguindo permear o eixo da cultura ocidental e atingir grandes marcos. A agenda cultural da Coreia do Sul se expandiu por meio da denominada onda coreana (*Hallyu Wave*). Os produtos culturais exportados por meio da *Hallyu Wave*, se difundiram na cultura *pop* global alcançando feitos inéditos para produtos não produzidos dentro da cultura ocidental. Desde PSY com *Gangnam Style* que por anos foi o videoclipe mais visualizado da plataforma *YouTube*, até o primeiro filme em língua estrangeira a ganhar o Oscar de Melhor Filme, *Parasita*. O avanço cultural sul-coreano não é derivado apenas da indústria fonográfica e cinematográfica, mas diversifica seus produtos adentrando também o mercado de beleza, alimentos, tecnologia e *games*.

A Coreia do Sul desenvolveu uma indústria tecnológica altamente capacitada, que usa a expansão cultural do país para disseminar seus produtos para o resto do globo. A sociedade também passa a desfrutar dos benefícios sociais derivados do bem-estar econômico do país. E o governo vê nesse momento de expansão do *soft power*, uma forma de se inserir de forma efetiva no SI, e se afirmar como um Estado independente e autônomo no SI.

Ao longo do trabalho passaremos por uma revisão de teorias clássicas das Relações Internacionais que levaram a elaboração do conceito de *soft power* desenvolvido por Joseph Nye (2004), e depois ao conceito de tripla hélice (ETZKOWITZ; LEYDESDORFF, 1998), no qual atores privados e estatais cooperam para atingir um objetivo comum. Após esta retomada teórica, observaremos a formação histórica do Estado sul-coreano, desde a efetiva formação do Estado, pós-

segunda guerra mundial até o presente. Alguns fatores que permitiram o crescimento e desenvolvimento industrial do país também são abordados, o estímulo governamental à indústria, e da indústria na especialização da mão-de-obra por meio da educação. Estas interações possibilitaram o desenvolvimento e expansão da indústria cultural, trazendo a cultura da Coreia do Sul para o centro, e assim observaremos como está se tornou uma ferramenta de impacto para a inserção internacional sul-coreana.

1.1 Problema de pesquisa

Como a Coreia do Sul elaborou e implementou uma agenda cultural para promover sua inserção no Sistema Internacional?

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo geral

Analisar como a Coreia do Sul elaborou e implementou uma agenda cultural para promover a inserção internacional do país.

1.2.2 Objetivos específicos

- a) Compreender a história cultural da Coreia do Sul;
- b) Demonstrar como a Coreia do Sul se organizou e utilizou os recursos disponíveis para desenvolver um modo de inserção no sistema internacional;
- c) Estudar a implementação da agenda cultural internacional promovida pelo Estado sul-coreano a partir dos anos 1990.

1.3 Justificativa

As Relações Internacionais (RI) estão em constante mudança devido às variáveis que influenciam o sistema internacional, e conseqüentemente os atores que

o compõem. Por meio das teorias clássicas de RI podemos visualizar essa evolução, que não necessariamente exclui as ideias ou conceitos desenvolvidos anteriormente, mas somam ao repertório teórico da área do conhecimento. Com o fim da Guerra Fria, Joseph Nye, um ator de cunho liberal passou a analisar a transição do uso das formas de poder utilizadas pelos atores internacionais. Dessa forma, Nye (2004) criou o conceito de divisão de poder em *hard* e *soft power*, onde os meios tradicionais de poder derivados da guerra (força militar e bélica) passam a dar espaço a formas de poder derivadas da habilidade de influenciar, seja através da diplomacia, valores ou cultura. O desenvolvimento do conceito de *soft power* é um marco para a academia que possibilita no caso do presente trabalho observar sob uma nova perspectiva, como Estados podem se utilizar das premissas do poder brando para elaborar uma agenda cultural internacional capaz de promover o país no SI, por meio de articulações culturais promovidas pelos mais diversos atores que compõem a força de um país como poderemos vislumbrar posteriormente.

Por meio de três bases: governo, empresas e sociedade, temos a tripla hélice da inovação. Na qual esses pilares se unem para constituir uma agenda baseada na cooperação interna entre setores para a promoção internacional por meio dos recursos disponíveis, derivados da cultura popular sul-coreana. O *soft power* aliado a tripla hélice (conceito habitualmente utilizado para explicar o planejamento de políticas de inovação) é um assunto ainda pouco explorado no campo das RI, e como será abordado ao longo do trabalho pode ser de grande valia como exemplo para outros atores que buscam obter destaque frente a comunidade internacional e possuem recursos limitados. Da mesma forma como o caso pode ser explorado pela academia, afinal se trata da associação de um conceito não tradicional do campo de estudo das RI, a tripla hélice da inovação, normalmente utilizada na área da tecnologia e negócios, mas ainda usando conceitos tradicionais como a cooperação e o uso da cultura como meio para influenciar o SI. Enquanto o conceito de cooperação nas relações internacionais traz como foco a interação entre atores internacionais, a tripla hélice nos mostra uma nova perspectiva, onde podemos observar a cooperação de atores internos para a inserção internacional, um conceito diferenciado para explicar um tema de RI.

A habilidade de um Estado de identificar seus pontos fortes e promovê-los para que se possa crescer e fazer presente no SI, é essencial para o desenvolvimento. E

é isso que iremos observar no presente trabalho. A habilidade sul-coreana em explorar os recursos que possuía, e identificar uma oportunidade para engrandecer sua imagem. A busca por cooperar em diferentes níveis é outro diferencial, a não dependência de promoções puramente estatais, possibilitam a cooperação entre o público e o privado em prol de um objetivo comum, o desenvolvimento do Estado sul-coreano.

1.4 Metodologia

O trabalho analisa e combina fenômenos como a industrialização sul-coreana e a *Hallyu Wave*, mostrando como elas se entrelaçam podendo formar uma contraposição de fatores e eventos que juntos justificam e explicam potenciais ideias a respeito do desenvolvimento da Coreia do Sul e sua influência no cenário internacional. A partir de uma pesquisa exploratória, na qual podemos compreender a formação do Estado sul-coreano, com ênfase em sua cultura e desenvolvimento econômico. Analisamos a cultura *pop* contemporânea do país, e como ela se difundiu ao redor do mundo, além de como ela está associada a um modelo de desenvolvimento pautado na inovação. Que possibilita por meio da cooperação a expansão da influência da Coreia do Sul no cenário internacional.

O método fenomenológico possui uma complexidade holística quando se propõem a analisar múltiplos fenômenos com o objetivo de conectar e explicar um fenômeno recente e em processo de evolução. A fenomenologia, permite que por meio da análise e associação de fenômenos complexos da formação da Coreia do Sul, como a industrialização do país, os governos autoritários, a *Hallyu Wave* e a promoção de eventos culturais, se possa identificar e explicar um fenômeno inovativo no país. Assim, a inserção internacional da Coreia do Sul se torna um caso a ser estudado para que se possa compreender o fenômeno e utiliza-lo como exemplo para outros países, um estudo de caso. De acordo com Diniz, Lopes e Silva (2008, p. 255): “ Heidegger acredita que o fenômeno não se mostra diretamente, e sim, se mantém velado frente ao que se mostra; ao mesmo tempo, mostra-se diretamente de modo a constituir o seu sentido”. Com o poder derivado do uso inteligente dos recursos disponíveis em cada Estado como a cultura, o *soft power* de Nye apresentado na obra *The Means To Success In World Politics* de 2004, possibilita a compreensão de como

o emprego e estímulo à produção e divulgação de produtos da indústria cultural nacional como seriados de televisão, filmes, música e moda fornecem um meio para adentrar em outros países de forma pacífica e diplomática, e dessa forma, estreitar laços tanto políticos como comerciais. Associada a cooperação entre grupos de interesses como podemos observar na obra de Moravcsik *Taking Preferences Seriously: A Liberal Theory of International Politics* (1997), onde a sociedade, o Estado e as empresas se unem em prol de objetivos comuns, e trabalham de maneira conjunta para desenvolver seu país e se destacar no cenário internacional.

Essa cooperação entre setores para promoção do desenvolvimento deriva do modelo de inovação da Tripla Hélice explicado por Etzkowitz e Leydesdorff no artigo *The Triple Helix as a Model for Innovation Studies*, de 1998. A Tripla Hélice pertence tradicionalmente a áreas como negócios, tecnologia e economia, por isso pode não parecer coerente ao ser aplicada em um trabalho de Relações Internacionais. Entretanto o modelo de desenvolvimento inovador associado às RI mostra que a cooperação entre atores que influenciam a política externa do Estado, mais especificamente o próprio governo, as empresas e a, sociedade, quando trabalham em consenso podem promover políticas externas que atuam também como políticas públicas e proporcionam o desenvolvimento para o país. Essa conexão entre autores de RI assim como de outras áreas que constituem a Tripla Hélice, por exemplo Nye, Moravcsik e Etzkowitz, podem resultar em um conceito diferenciado para se compreender o fenômeno da Coreia do Sul.

A pesquisa exploratória descreve a história do Estado sul-coreano e explica como seu atual *status* foi estruturado, assim como analisa as ações compreendidas nas informações reunidas por meio da pesquisa bibliográfica. A pesquisa bibliográfica se dará principalmente por materiais previamente desenvolvidos sobre o assunto como artigos científicos, o de Yuna Ban, *South Korea's Soft Power in Middle Power Diplomacy: Enhancing Popular Culture and its Challenges* (2020), onde se aborda os desafios de se utilizar a cultura popular coreana para atingir um maior *status* no sistema internacional, e também podemos citar o trabalho de Fernanda Carvalho (2019), *Hallyu wave: a cultura como mecanismo de soft-power sul-coreano*, que possui um foco na expansão sul-coreana por meio da cultura, mas se aprofunda na onda coreana. Outras fontes de informações como livros, informações de instituições e organizações internacionais e mesmo de documentos e fontes oficiais do governo

sul-coreano, como os disponibilizados pelo governo da Coreia do Sul no site do Centro Cultural Coreano, que é abastecido com dados obtidos pelas embaixadas sul-coreanas ao redor do mundo e tem como foco a propagação da cultura do país asiático por meio de concursos culturais, divulgação de informações sobre a cultura coreana e a promoção de cursos, também serão utilizados.

Assim, após a consideração de todos os aspectos das informações reunidas ao longo do trabalho se dará a análise qualitativa, e apesar de possuir uma difícil mensuração, o *soft power* pode ter seu valor agregado analisado por meio de diversos fatores como poderemos observar posteriormente, dentre eles como o crescimento diplomático na esfera global como no incremento de embaixadas e por meio de situações de mediação, além da expansão da marca de um país, pois como veremos, a familiaridade e popularidade podem influenciar a promoção de um Estado. É possível observar os efeitos para os atores envolvidos no processo tanto em termos sociais, econômicos quanto políticos por meio da implementação deste modelo de crescimento.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O presente capítulo apresenta a evolução de conceitos tradicionais das Relações Internacionais como soberania, anarquia, cooperação e poder para então adentrar em um resgate teórico das principais vertentes teóricas das RI como Realismo e Liberalismo. Através deste resgate, poderemos observar as diferentes formas de se interpretar e utilizar os meios de poder de acordo com o que cada Estado possui, e assim buscar se destacar no Sistema Internacional de acordo com essas teorias.

A perspectiva realista retomará conceitos como segurança, a capacidade associada ao poder, a falta de hierarquia no SI além do egoísmo dos Estados no mesmo. Já a visão liberal abrange conceitos como a cooperação entre Estados e demais autores e os grupos de interesse. Após esse resgate podemos fazer uma análise dos novos dinamismos do poder no SI, onde o poder bruto passa a dividir espaço com o poder brando. Desse modo, o *soft power* e o *hard power* são apresentados, com ênfase na relevância do *soft power* na sociedade contemporânea, associado a tripla hélice da inovação que deriva da cooperação entre poder público, empresas e sociedade, fornece aparato para a estruturação de uma agenda cultural e promoção do desenvolvimento, como será estudado o caso da Coreia do Sul.

2.1 O conceito de poder nas Relações Internacionais

As Relações Internacionais são consideradas um ambiente próspero para a produção e observação de visões políticas por muitos autores modernos, ou seja, focados na concepção de um sujeito, ator, racional e capaz de orientar suas ações de acordo com seus interesses. Dentro da política moderna, as RI se destacam com sua contribuição na construção de uma visão de mundo que separa o âmbito doméstico e internacional. As RI são responsáveis também pelo discurso sobre um estado de anarquia no Sistema Internacional (NOGUEIRA; MESSARI, 2005).

Os Estados derivam do poder, entretanto não são a única forma e estado do mesmo. O poder pode ser encontrado em relações humanas, no âmbito privado e estatal, assim como pode derivar de construções históricas e símbolos. Para muitos agentes de política, o poder é uma necessidade constante de se manter, mas também

de se expandir, e dessa forma coalizões das mais diversas são formadas através de relações multilaterais e bilaterais entre Estados e outros atores como organizações internacionais com fins utilitários e pragmáticos de acordo com Castro (2012).

Muitas vezes poder e força se confundem, o uso da força é visto como um poder potencial como em uma intervenção por meio de forças armadas. Força, poder e interesse são indissociáveis e ferramentas relevantes para a analisar o sistema internacional (CASTRO, 2012, p. 165).

O poder possui algumas características que exemplificam seu potencial. O dinamismo, constante mutação e evolução; pluridimensionalidade, vários contextos; racionalidade, na qual a razão prevalece ações de força, não há espaço para singularidade isolada; situacional, atrelado a momentos históricos e geopolíticos; além de mensurável, podendo quantificar mesmo que de modo intangível, através de quocientes o seu potencial de acordo com Castro (2012). E é principalmente dessas características associadas ao conceito de força que se originam a coação, ameaça, e mesmo uso da violência como a guerra para demonstrar e expandir seu poder. Esse poder bruto, que detalharemos mais em pouco tempo, é conhecido como *hard power*. Desta forma, compreendemos que

O poder, embora não sendo, formalmente, força nem também sendo o interesse, não pode ser compreendido, de forma ampla e integral, sem os mesmos de maneira plena. Na verdade, poder em sentido amplo não é nem força nem interesse, porém, configura-se como força e como um prumo para o interesse de forma simultânea e entrelaçada (CASTRO, 2012, p. 180).

O poder é apenas uma característica que permite o estudo e a formação de conceitos em RI. E assim como ao longo da histórica os conceitos de RI evoluíram, também foram analisados e interpretados por diferentes correntes teóricas como realismo, liberalismo e outros, das vertentes clássicas até as mais modernas.

2.2 O Realismo e sua visão do Sistema Internacional

Hans Morgenthau organiza algumas das principais premissas, teses e conceitos dos primeiros realistas, como temos a centralidade do Estado em busca da sobrevivência, a função do poder é garantir esta sobrevivência. Seja de maneira

independente, ou por meio de alianças, que resultam na anarquia internacional (NOGUEIRA; MESSARI, 2005). Para os realistas, o que ocorre no espaço doméstico não é relevante para análise das relações internacionais, também possuem um forte pessimismo em relação a natureza humana. Muitos realistas consideram o equilíbrio do poder mais importante do que o poder em si.

Com o conceito de segurança, complementa o simbolismo do poder, especialmente na busca dos interesses individuais de cada Estado. Quando os interesses de um Estado se chocam com os interesses de outro Estados e podem chegar até ao conflito de macro interesses com o sistema internacional, tornando a situação insustentável, e a harmonia e segurança se tornam escassas. E a ruptura da paz se torna latente (CASTRO, 2012). Entretanto, o cenário internacional é marcado por contradições, evidenciando as diferenças entre os Estados como os níveis de diferença socioeconômico, político, aspectos demográficos e a capacidade bélica. Se baseando na anarquia do sistema e nos atores políticos, a corrente realista busca coalisões.

As relações internacionais são centradas no poder para o Realismo. Possuem como uma de suas lógicas centrais a dominação. Nos dilemas de segurança de Hobbes, podemos notar uma situação em que um determinado padrão de segurança interna através de investimentos em segurança nacional pode gerar certa tensão com vizinhos.

Para evitar tal situação de intolerabilidade de vida, o estado civil vai surgir para salvaguardar a ordem pública, a paz e a segurança dos cidadãos na relação com o Leviatã que imporá a força o direito para tal finalidade (CASTRO, 2010, p. 317).

Dentre os pensadores que inspiraram os realistas, podemos citar Tucídides, o filósofo grego e outros precursores da corrente realista consideram a soma das capacidades políticas, econômicas, tecnológicas e militares de um Estado uma definição do que seria o poder, e Waltz (1979) ainda complementa esta análise somando a definição a uma comparação entre o Estados (apud NOGUEIRA; MESSARI, 2005, p. 28). E assim, associando a balança de poder com o Estado, o conceito passa a ser expandido e empregado às RI por Waltz.

Alguns autores realistas tratam o poder como a soma das capacidades de um

Estado em termos políticos, militares, econômicos e tecnológicos. Enquanto outros o definem como um termo relativo, no qual o poder de um Estado deriva não de suas capacidades intrínsecas, mas sim da capacidade de seus competidores no SI. Para Waltz, o poder é capacidade de influenciar o SI, e essa mesma perspectiva de influência é utilizada para influenciar Estados mais do que se deixar ser influenciado. Já Morgenthau (2003) vê na busca pelo poder um meio para expansão do prestígio do Estado, para Waltz se trata de um meio de sobrevivência e segurança, de acordo com Nogueira e Messari (2005).

Conectado ao conceito de poder, está o conceito de balança de poder creditado por Waltz (1979). Para os realistas, os atores se unem pelo poder ou contra ele. Deste modo, alguns Estados acreditam que fazer alianças com grande(s) potência(s) pode servir aos seus interesses nacionais. Em contrapartida outros Estados acreditam que o poder não deve ser centralizado em uma única potência. Assim, muitas vezes estes Estados se sentindo ameaçados, se unem a Estados menores/menos influentes para tentar equilibrar o poder da respectiva potência (NOGUEIRA; MESSARI, 2005). Estas respectivas atitudes de alianças se dão de acordo com os interesses internos da nação, ou da perspectiva que os dirigentes dela têm sobre seu Estado. A balança de poder não significa que exista uma distribuição uniforme do poder entre os vários Estados, mas sim a tentativa de estabelecer um equilíbrio.

A balança de poder na perspectiva de Morgenthau (2003 apud NOGUEIRA; MESSARI, 2005), é fruto de uma política aderida por estadistas que tomam decisões baseadas no plano externo, mas é um mecanismo necessário já que visa estabelecer o equilíbrio no Sistema Internacional, representando governantes que aderem a alianças internacionais para atingir seus interesses nacionais. Já a visão de Waltz (2010) sobre a balança de poder está mais ligada a distribuição de poder. O autor crê que a distribuição do poder não depende da ação dos estadistas, mas sim deriva da quantidade de poder que cada Estado possui, e por isso as grandes potências dominam o sistema internacional. E por esta perspectiva, os autores realistas ainda discutem se a distribuição do poder de forma bipolar é mais estável, pois assim o poder estaria congelado entre dois Estados, ou se a multipolaridade estabeleceu uma maior mutação no sistema que equilibra e instiga os Estados a buscarem novas formas de se sobressaírem no disputado sistema internacional.

O realismo de autores tradicionais como Waltz, Morgenthau, Carr e outros, é

um marco inicial na história das teorias de RI. Onde o Estado egoísta é o ator principal, e só recorre a alianças para se sobressair, não com o intuito de cooperar. O Estado monolítico do realismo vai de encontro com a ordem unipolar e mais tarde bipolar no SI do período, ou seja, o poder só poderia ser exercido por poucos sob a perspectiva realista. A multipolaridade pós-Guerra Fria deixa mais Estados em posição de igualdade no sistema internacional. O multipolaridade estabeleceu uma maior estabilidade no SI de acordo com Nogueira e Messari (2005), e nesse mesmo período se torna perceptível uma troca do poder pautado especialmente por guerras, armamentos e capital, por um novo poder derivado da influência intelectual, diplomática e cultural.

2.3 O Liberalismo e a perspectiva de poder

Apesar de ter sua origem ainda com autores como Immanuel Kant, que tinha como uma de suas contribuições em relação ao poder na corrente liberal a intensificação das trocas entre países e a contribuição disto seria o crescimento do princípio da hospitalidade, que seria essencial para uma paz cosmopolita de acordo com Nogueira e Messari (2005). Após a Primeira Guerra Mundial, uma nova teoria passa a ganhar território, o liberalismo, mas ainda centralizado no fator doméstico. É na década de 1970 que se destaca como teoria e suas contribuições se disseminam.

O Liberalismo passa a ser analisado no âmbito das relações internacionais somente após a Primeira Guerra Mundial, previamente ficando limitado à preocupação com os indivíduos, sociedade e governo no cenário doméstico. A referência central da escola liberal é o indivíduo, que não deve ter sua autonomia sabotada, mas sim incentivada. E assim os indivíduos devem buscar seus interesses e impactar a sociedade de forma positiva (NOGUEIRA; MESSARI, 2005).

A corrente liberal encontra no período entre guerras, Primeira Guerra Mundial (1914–1918) e Segunda Guerra Mundial (1939–1945), uma fonte para reforçar seu ponto de que o sistema internacional pode e deve ser mudado para se tornar menos conflituoso. E o comércio internacional seria um meio para essa mudança, pois os liberais acreditam que quando um país possui relações comerciais, mais se aproxima de outros Estados, e se torna mais difícil traí-lo ou ameaçá-lo. Nogueira e Messari (2005, p. 63) constataram o seguinte: “(...) também contribuía para desenvolver um

sentimento moral de comunhão de interesses e valores”.

Uma tese central para os liberais, é a de que o livre-comércio contribui para a promoção da paz entre as nações (NOGUEIRA; MESSARI, 2005). A guerra, que sempre foi um dos principais meios dos Estados adquirirem poder, é considerada incompatível com o livre-comércio pelos liberais. No entanto, o comércio proporcionou e promoveu outras formas de poder que podem criar laços mais eficientes e duradouros que a guerra. O comércio cria conexões que equilibram o poder no sistema internacional e estimula uma competição tanto econômica quanto de influência sobre os demais Estados e instituições.

Os atores fundamentais no cenário político internacional são indivíduos e atores privados racionais e avessos ao risco, que organizam a troca coletiva de interesses devido a conflitos e valores que diferem na influência social (MORAVCSIK, 1997). Por isso os liberais consideravam os interesses dos atores internacionais um ponto central, e rejeitavam a ideia de que existiria uma harmonia de interesses automática no sistema internacional. Esse é um ponto crucial, onde podemos observar a evolução dos conceitos, desde a perspectiva realista até a visão liberal, e mesmo alguns alinhamentos em comum. Quando existem incentivos para cooperar, os atores tendem a agir de forma eficiente, pois sabem que serão recompensados.

Também sobre a perspectiva de Moravcsik (1997), os Estados possuem grupos de interesses, e os interesses dos países passam a ser os interesses dos grupos com maior influência, ou pelo menos mais disseminados. É normal que um Estado tenha vários grupos que representem diferentes parcelas da sociedade e conseqüentemente com diferentes objetivos. De acordo com a contribuição desses grupos para o governo, assim como para a sociedade, alguns obtêm mais poder/influência sob o Estado e seus interesses se mostram no sistema internacional. Nenhum governo representa todos os grupos igualmente, sempre alguns se sobressaem na influência sob a política de Estado, mas isso não quer dizer que os demais grupos sejam irrelevantes. Desse modo,

(...) os estados não maximizam automaticamente concepções fixas e homogêneas de segurança, soberania ou riqueza, como realistas e institucionalistas tendem a supor. Em vez disso, eles são, em termos Waltzianos, "funcionalmente diferenciados"; ou seja, eles buscam interpretações e combinações particulares de segurança, bem-estar e soberania preferidos por poderosos grupos domésticos franqueados por

instituições e práticas representativas (MORAVCSIK, 1997, p. 518, tradução livre).¹

O conceito de poder para os liberais é baseado em pressupostos como a barganha e a negociação, previamente abordados pelos realistas, entretanto, sob outra perspectiva. Os realistas acreditavam que a barganha só seria proveitosa se atingisse o objetivo definido pelo Estado, e não estava disposto a abrir mão de seus objetivos para adentrar em um consenso. Já a barganha, segundo autores como Keohane e Nye, revela um reflexo de natureza intensa e as preferências dos atores, onde estes barganham em busca da melhor alternativa para um acordo (MORAVCSIK, 1997). Ou seja, os atores estipulam internamente até que ponto estão dispostos a ceder em uma negociação para buscar um acordo que seja benéfico para os envolvidos, e gerando assim uma certa interdependência entre os Estados.

As raízes da identidade nacional podem refletir um conjunto compartilhado de identidades linguísticas, culturais ou religiosas ou um conjunto compartilhado de identidades históricas experiências - muitas vezes interpretadas e incentivadas por grupos privados e estatais política (MORAVCSIK, 1997, p. 526, tradução livre).²

Deste modo, o liberalismo busca explicar os conceitos de conflito e cooperação além das questões sociais abordadas pelos realistas. Assim ultrapassando o sentido de poder relativo, os liberais abraçam as fronteiras do poder que coincidem com a poderosa identidade nacional dos grupos de interesses com maior influência. E por isso, para Moravcsik (1997), inconsistências tanto internas entre governos e grupos de interesse, como externas, entre os Estados, podem se tornar motivos para abalar a relação entre os envolvidos e assim desencadear conflitos.

As mudanças ocorridas no século XX trouxeram novos atores, que passaram a

¹ Esta tradução e todas as posteriores são traduções próprias. Traduzido do original: (...) that states do not automatically maximize fixed, homogeneous conceptions of security, sovereignty, or wealth per se, as realists and institutionalists tend to assume. Instead they are, in Waltzian terms, “functionally differentiated”; that is, they pursue particular interpretations and combinations of security, welfare, and sovereignty preferred by powerful domestic groups enfranchised by representative institutions and practices (MORAVCSIK, 1997, p. 518).

² Traduzido do original: The roots of national identity may reflect a shared set of linguistic, cultural, or religious identifications or a shared set of historical experiences—often interpreted and encouraged by both private groups and state policy (MORAVCSIK, 1997, p. 526).

se destacar no sistema internacional contemporâneo. Processos transnacionais ganham um caráter multidisciplinar, envolvendo atores de origem privada e representantes da sociedade. A Interdependência Complexa busca conciliar as análises desenvolvidas pelos realistas e liberais para explicar que a interdependência pode ser uma fonte de conflito ou poder (NOGUEIRA; MESSARI, 2005). Uma das grandes questões envolvendo a interdependência é como avalia-la, já que existem diferentes tipos de poder, um dos meios é buscando os efeitos que ela causa nos Estados, a vulnerabilidade e sensibilidade.

O poder não pode ser considerado uniforme no que compõem as relações externas de um país, enquanto uns possuem por exemplo, poderio bélico outros são mais versados na arte da diplomacia e negociações. E a interdependência complexa tornou ainda mais requintada e complexa a forma como a maioria dos Estados tomam decisões, pois possuem dificuldades para lidar com novos riscos e oportunidades em contextos ainda desconhecido.

2.4 Soft e Hard Power

O poder é um objeto de desejo de muitos Estados, organizações e mesmo de indivíduos. Até alguns séculos, a ideia de poder que remanescia no pensamento popular derivava de grandes guerras e da riqueza. O que é correto, pois são formas de se adquirir poder para atingir seus interesses. O militarismo e economias fortes são a forma de poder mais tradicional e com a qual a sociedade está familiarizada. Esse poder clássico normalmente é empregado de forma mais abrupta, na qual o Estado por exemplo usa a persuasão e a indução, para influenciar. O denominado *hard power*, que normalmente consegue influenciar os atores por meio do desejo de um aliado poderoso economicamente e em termos bélicos (NYE, 2004). Joseph Nye (2004) considera que o *hard power* muitas vezes acaba minando a relação de um Estado com os demais, ao invés de trazer êxito para sua política internacional, afinal pode amedrontar e até mesmo intimidar aliados em potencial, e dessa forma pode provocar rixas num cenário internacional incerto.

O *hard power* tende a ignorar a opinião popular e informações relacionadas a sua imagem no exterior, optando por meios coercitivos de influência. Para Jang e Paik (2019), governos que investem no *hard power* não levam em consideração interesses

coletivos, sejam de sua população ou do sistema internacional. O que geralmente acarreta em consequências indesejadas como conflitos militares e retaliações comerciais. Assim, podemos observar uma influência realista sob o *hard power*, onde o individualismo e a busca dos interesses egoístas do Estado prevalecem frente a harmonia do SI.

A partir de uma perspectiva liberal, podemos observar a ascensão de uma nova face do poder. Para Nye (2004, p. 5, tradução livre): “O poder brando está na habilidade de moldar as preferências dos demais”³. E assim, o *soft power* usa da atração entre semelhantes, sejam estes ideais, princípios, etc., para influenciar atores no SI. Dessa forma, o Estado cria alianças e coopera para se destacar frente os demais. Apesar da constante busca por poder, nem sempre os atores alcançam a riqueza ou a formação de grandes exércitos. No entanto, atores inteligentes usam o poder que possuem de maneira sábia. Na política internacional, os recursos que produzem o *soft power* vem dos valores, organizações e da cultura.

Os mesmos recursos que podem fortalecer um ator, podem alterar seu comportamento e sua atuação no SI. Um país que perde poder militar e econômico, acaba perdendo também parte do seu *hard power*, e assim também a capacidade de se moldar a vontade da agenda dos demais Estados e o apoio de potenciais aliados. Afinal, alguns atores podem ser atraídos pelo *hard power*, e a ideia de que o poder econômico e bélico traz a invencibilidade (NYE, 2004). Entretanto, o *soft power* não depende do *hard power*, um exemplo descrito por Nye (2004) é o da União Soviética, o Estado possuía tanto *soft power* quanto *hard power*, mas devido a invasões à Hungria e Tchecoslováquia, acabou sabotando sua visão frente aos demais atores do sistema, e assim viu seu poder declinar, mesmo ainda contando com recursos abundantes de *hard power*.

Os recursos primários que projetam e formam o *soft power* são: cultura, valores políticos e política externa. Em relação a cultura como recurso de poder, podemos observar que ela inclui valores universais e interesses compartilhados, isso faz com que a probabilidade de atrair aliados e admiradores cresça. No caso da Coreia do Sul, devido a sua formação cultural com forte influência chinesa e japonesa devido há anos

³ Traduzido do original: “Soft power rests on the ability to shape the preferences of others” (NYE, 2004, p. 5)

de ocupação da península coreana, faz com que os países possuam muitos valores em comum, como o respeito a hierarquia muito intrincado na sociedade e até mesmo vestimentas e padrões de beleza semelhantes. No entanto, Nye não concordava com muitos pesquisadores: “Eles cometem o erro de igualar o comportamento do *soft power* aos recursos culturais que às vezes ajudam a produzi-lo. Eles confundem os recursos culturais com o comportamento de atração” (2004, p. 11, tradução livre)⁴. Um exemplo típico para o autor seria o fato de que o ditador norte-coreano Kim Jong Il por exemplo adora pizza e seriados estadunidenses, entretanto isso não faz com que o comandante da Coreia do Norte mude sua posição em relação à suas políticas nucleares (NYE, 2004). Por isso, a cultura pode sim ser considerada um recurso de *soft power*, mas a efetividade desse recurso depende do contexto e do modo como é empregado.

Podemos utilizar o exemplo dos EUA de como empregar o *soft power*. Desde a metade do século XX os estadunidenses passaram a veicular filmes e músicas por meio da televisão e do cinema, fazendo com que uma imagem de “país dos sonhos” circulasse pelo mundo. Deste modo, viver, passear e negociar com os EUA se tornou um objeto de desejo da sociedade, mas é preciso escolher o que mostrar para se promover. Evidenciar a produção de aço por exemplo pode não trazer muitos frutos, mas usar seus recursos culturais para mostrar sua riqueza, modernidade e inovação faz com que o país se torne interessante. E assim, o país passa a atrair mais turistas, suas universidades passam a ser requisitadas por alunos e pesquisadores ao redor do mundo, os produtos produzidos no país se tornam desejáveis. Por isso, de acordo com Nye (2004), muitos Estados passaram a se inspirar e almejar atingir status semelhante no SI do mesmo modo.

O comércio é apenas um dos modos por meio do qual a cultura é transmitida. O contato pessoal muitas vezes é o modo de transmissão de maior eficiência, ao se vivenciar a cultura de um local, muitas vezes incluímos hábitos dessa cultura a nossa rotina, mesmo após retornar ao país de origem. As políticas governamentais tanto domésticas quanto exteriores também podem impactar o *soft power*. Políticas internas

⁴ Traduzido do original: They make the mistake of equating soft power behavior with the cultural resources that sometimes help to produce it. They confuse the cultural resources with the behavior of with the cultural resources that sometimes help to produce it. They confuse the cultural resources with the behavior of attraction (NYE, 2004, p.11).

e modelos de Estado como ditaduras, uso instrumental de torturas, e segregação racial são vistos com maus olhos pelo SI, e assim diminuem o poder do Estado, podendo ter reflexos de curto ou longo prazo em sua imagem. Assim,

As políticas governamentais podem reforçar ou desperdiçar o poder brando de um país. Políticas internas ou externas que parecem hipócritas, arrogantes, indiferentes à opinião dos outros ou baseadas em uma abordagem estreita dos interesses nacionais podem minar o poder brando (NYE, 2004, p. 14, tradução livre).⁵

Governos podem inibir ou atrair outros através da influência, por exemplo, quando o Estado toma medidas internas ou posicionamentos relacionados ao âmbito internacional que se desencontram com os valores de cooperação internacional. Uma face do *soft power* que muitos não dão relevância, mas que se assemelha em aspectos ao *hard power* está no poder de distorcer a visão sobre um determinado grupo, muitas vezes o vilanizando (NYE, 2004). Através de filmes por exemplo, devido aos conflitos durante a Guerra Fria e a Guerra das Coreias, onde a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) apoiava a Coreia do Norte, é comum encontrar produções sul-coreanas que se tornaram sucessos, onde os russos são os vilões e querem prejudicar a nação sul-coreana, foram transformados no grande inimigo e assim disseminando a ideia de vilania do Estado que pertencia a URSS.

Apesar de ainda ser contestado e descreditado, pois alguns pesquisadores creem apenas no poder que resulta em comando e controle ativo, e que não pode ser “copiado”, mas o *soft power* é um instrumento relevante na política internacional contemporânea.

Os céticos que querem definir o poder apenas como atos deliberados de comando e controle estão ignorando a segunda face, ou "estrutural", do poder - a capacidade de obter os resultados desejados sem ter que forçar as pessoas a mudar seu comportamento por meio de ameaças ou pagamentos (NYE, 2004, p. 15, tradução livre).⁶

⁵ Traduzido do original: Government policies can reinforce or squander a country's soft power. Domestic or foreign policies that appear to be hypocritical, arrogant, indifferent to the opinion of others, or based on a narrow approach to national interests can undermine soft power (NYE, 2004, p. 14).

⁶ Traduzido do original: The skeptics who want to define power only as deliberate acts of command and control are ignoring the second face, or "structural", face of power - the ability to get the outcomes you want without having to force people to change their behavior through threats or payments (NYE, 2004, p. 14).

Por outro lado, é importante especificar as condições que permitem que resultados efetivos sejam alcançados. Normalmente o aspecto cultural costuma ser mais eficiente quando utilizado em meio a outras culturas que sejam de alguma forma semelhantes, não importa se essa semelhança está nos valores, história ou hábitos. Outra questão a ser analisada, é que o efeito produzido pela atração é difuso segundo Nye (2004), não podendo ser observado por uma ação isolada.

Outra crítica constante ao *soft power* é a de que os governos não possuem total controle sob a atração, por isso não deveria ser adotado como uma política internacional. No entanto, Nye (2004) considera que empresas, organizações não governamentais, instituições de ensino e mesmo personalidades podem influenciar a sociedade, e o fato de que a sociedade é a origem de grande parte do poder brando. Em um governo liberal, governos não podem e não devem controlar a cultura. Claro que algumas ações realizadas por atores e grupos de interesses podem ir contra os interesses das políticas exteriores adotadas pelos governos. Por isso, com a era da informação, os atores privados se tornaram ainda mais relevantes e influentes, e para não boicotar seu *soft power*, governos devem garantir que suas ações sejam positivas para sua imagem e não acabem minando seu poder e sofrendo críticas dos demais atores portadores de influência.

2.5 O modelo de interação pela Tripla Hélice

Diversos conceitos foram propostos nos últimos anos em relação a modelagem da transformação do processo de interação entre universidade - governo – indústria. Debates foram estabelecidos em busca não somente de uma base empírica, mas também de implicações normativas da tripla hélice. A tripla hélice é um modelo de promoção à inovação de reconhecimento internacional, formando um guia de políticas e práticas a nível regional, nacional e multinacional emergente no campo da inovação (MOREIRA JR., 2017). O modelo da tripla hélice prevê a análise dos pontos fortes e fracos para preencher lacunas e desenvolver estratégias de inovação. A tripla hélice não deixa de ser um meio de implementar políticas públicas, e dentro delas estão inseridas as políticas externas, afinal políticas de relevância internacional afetam diretamente a economia e principalmente a sociedade, por isso não podem ser vistas

como elementos separados, mas sim como políticas alinhadas para atingir um objetivo comum. Por isso, identificar o ponto central para o desenvolvimento socioeconômico é essencial para estabelecer e aprimorar a interação entre governo, empresas e universidade. Afinal, a inovação é um meio para se atingir objetivos, é uma estratégia da qual o Estado sul-coreano soube se aproveitar para impulsionar sua inserção internacional. A busca por modelos, práticas e moldes que proporcionem a solução de problemas da sociedade aumentou paulatinamente. Desse modo, a academia passou a explorar a criatividade disponível na sua base, as universidades, para buscar o desenvolvimento econômico e social através da interação com governo e a as empresas, com o intuito de aliviar os dramas sociais. É um movimento colaborativo entre três esferas institucionais atuando em prol da formulação de políticas de inovação, somando novas funções ao cumprimento da função institucional desses organismos (MOREIRA JR., 2017).

Enquanto relações bilaterais estão sujeitas a intempéries de uma das partes, uma relação bilateral pode ser de fácil aceitação na proposição de ideias, mas também podem haver conflitos devido a objetivos e metas. Já em uma relação trilateral, esses problemas tendem a diminuir, pois através da mediação as partes buscam construir coalizões. Muitas vezes, segundo Etzkowitz e Zhou (2017), o formato da tripla hélice se confunde com o de um acordo sobre uma determinada estratégia, entretanto se trata de uma tríade mais complexa. As propriedades da mediação, formação de coalizões e vínculos, tanto em nível micro e macro, refletem na produção de invenções e na difusão de um modelo de desenvolvimento, empreendedorismo e inovação que forma a tripla hélice, facilitando a inovação a nível institucional.

Joseph Nye foi um instigador de estratégias de renovação nas estratégias de liderança dos EUA no sistema internacional, e ainda de acordo com Moreira Jr. (2017), não basta utilizar elaborados e avançados sistemas, mas a relevância se encontra na capacidade de integrar sistemas. Pois, dessa forma é possível sinalizar a liderança hegemônica internacional. Para que se atinja o ápice desse ciclo hegemônico o competidor deve centralizar o poder para coordenar pesquisas de desenvolvimento, ampliação de mercados e a competitividade, coordenação de pesquisas setoriais, imposição de um padrão tecnológico de consumo, projeção do poder global mediante a liderança atingida. Além de reconhecer as capacidades dos adversários quanto internas. É necessário estudá-las para saber explorá-las corretamente juntamente ao

potencial de inovação de suas economias.

Existem três modelos conhecidos de tripla hélice. No primeiro formato é possível observar que as esferas institucionais são definidas, e a interação é mediada na maior parte pelo setor industrial. No segundo modelo, as hélices são definidas como diferentes sistemas de comunicação que operam os mercados, especialmente os de tecnologia e inovação. Já no terceiro modelo, as esferas institucionais clássicas do governo, universidade, e empresas assumem um novo papel, de organizadores locais de promoção a inovação (ETZKOWITZ; LEYDESDORFF, 1998). E é esse modelo que irá posteriormente ser utilizado para pautar a análise do desenvolvimento do Estado sul-coreano.

A tripla hélice é definida basicamente como a interação institucional da academia, indústria e governo, esferas onde o conhecimento flui. Entretanto esse não pode ser considerado um processo linear, pois padrões de interação podem ser replicados, mas aplicações derivadas de processos históricos únicos não podem ser reconstruídas igualmente de acordo com Etzkowitz e Leydesdorff (1998). Com a globalização, o fluxo de conhecimento aumentou, podendo ser rastreado para promover crescimento econômico, relações mais intensas e aumentar a complexidade das mesmas, assim emergindo com a capitalização do conhecimento (ETZKOWITZ; LEYDESDORFF, 1998). Modelos de inovação não tendem a focar no contexto histórico, mas sim nas operações emergentes no sistema que podem proporcionar inovação. No entanto, as particularidades de cada Estado não podem ser ignoradas e devem ser estudadas e adaptadas.

Este modelo recursivo da Tripla Hélice nos permite relacionar várias perspectivas. As pressões evolutivas induzem a diferenciação em todos os subsistemas relevantes. A inovação pode então ser considerada como a recombinação reflexiva de contextos específicos, por exemplo, entre uma opção tecnológica e uma perspectiva de mercado. Para fins de inovação, as perspectivas devem ser traduzidas umas nas outras, por exemplo, em termos de um plano estratégico. A tradução potencialmente reforça o processo de pesquisa, levantando novas questões, por exemplo, comparando em contextos diferentes, mas com referência a fenômenos emergentes (ETZKOWITZ; LEYDESDORFF, 1998, p. 4-5, tradução livre).⁷

⁷ Traduzido do original: This recursive model of the Triple Helix enables us to relate the various perspectives. Evolutionary pressures induce differentiation in all relevant subsystems. Innovation can then be considered as the reflexive recombination of specific contexts, for example, between a technological option and a market perspective. For the purpose of innovation, the perspectives have to be translated into each other, for example, in terms of a strategic plan. The translation potentially

E assim, podemos dizer que o modelo da tripla hélice é complexo e sofre com impasses e perspectivas diversas que impactam sua aplicação, mas busca opções para seguir proporcionando interações que proporcionem desenvolvimento. Afinal, os sistemas são diferentes, e desse modo as forças transformadoras podem variar de Estado para Estado. A estabilidade das instituições e outros, mas que da mesma forma que dificultam a aplicação de um modelo pronto, podem se tornar pontos fortes fornecendo novas possibilidades a serem exploradas, como o caso cultural da Coreia do Sul. Por isso,

Para que ocorra a inovação, sobretudo as “inovações radicais” é necessário que sejam criados elementos capazes de interagir na produção, difusão e aplicação do conhecimento gerado e do produto desenvolvido. Para isso funcionar, o chamado ecossistema de inovação, é preciso que todos os atores e instituições que conformam o sistema nacional de inovação atuem de forma convergente com o propósito de ampliar o desempenho inovativo desse ecossistema (MOREIRA JR., 2017, p. 264).

A tripla hélice é o principal modelo de análise de inovação para Etzkowitz e Leydesdorff (1998), com uma economia baseada no conhecimento, já que o modelo nos atenta ao fenômeno da emergência, que é baseada em um sistema de inovação. Por isso, esse modelo é de relevância para a inserção internacional do Estado sul-coreano, afinal a interação entre as “hélices”, governo, empresas e sociedade (se igualando a hélice das universidades neste caso), permeia a ideia liberal das RI em que decisões são tomadas através de embates e discussões entre grupos de interesse. No entanto, no caso do país asiático o conflito no processo de tomada de decisão é afastado para viabilizar o consenso. A Coreia do Sul tem sua economia pautada no setor da pesquisa, que promove o conhecimento e conseqüentemente uma economia inovadora, por isso algumas das maiores empresas de tecnologia do mundo nasceram e seguem crescendo no país, como: Samsung, LG e Hyundai (BAN, 2020). Os autores também fazem um comparativo dos organismos que movimentam as hélices com os genes, pois enquanto os genes são herdados, estes organismos são construídos nos âmbitos social, técnico e econômico das sociedades modernas: “Assim, a tecnologia celebra a comunidade como uma conquista social, incluindo sua redefinição contínua de “natureza” e “cultura” (ETZKOWITZ; LEYDESDORFF, 1998,

reinforces the research process by raising new questions, for example, by comparing across different contexts, yet with reference to emerging phenomena (ETZKOWITZ; LEYDESDORFF, 1998, p. 4-5).

p. 6, tradução livre).⁸

Analisar a inovação a nível nacional do sistema, deriva da observação de ondas tecnológicas e industriais em ascensão, mas também, a subestimada comunicação é essencial para a interação entre sistemas com diferentes valores. Dessa forma, reconhecer que as melhores instituições contam com um amplo *network*, formando alianças com fortes fundamentos, onde a resolução de conflitos se dá pela exposição de novos ângulos sobre determinada situação. Para Etzkowitz e Leydesdorff (1998), é importante reconhecer as especificidades de cada situação e local, seja ele um problema de agenda devido à uma crise, o foco da resolução de um problema está na luta pelo reconhecimento onde o sistema internacional possa confiar, mas que também agregue uma nova visão sobre as dimensões dos problemas.

Dessa forma, a relevância política direta de um Estado é muito significativa, e a relevância de casos de estudo se encontra aí. Pois estudos de caso mostram uma nova perspectiva sobre a utilização e recombinação de um modelo para refletir em inovações para sua realidade. Assim, otimizando conceitos para explorar novos nichos, como é o caso da Coreia do Sul, que fez uso do modelo da tripla hélice para desenvolver uma agenda para incubar o desenvolvimento do país juntamente com outras instituições, e desse modo expandir seu repertório de atuação no cenário internacional.

Uma perspectiva interessante que pode ser abordada de maneira conjunta a tripla hélice é o Estado Desenvolvimentista em Rede, que têm como fundamento a percepção de comunidade com alto grau de desenvolvimento científico-tecnológico, que demanda alto investimento em educação, especialmente no ensino superior, com destaque nas engenharias e ciências exatas, segundo Moreira Jr. (2017). O Estado desenvolvimentista em rede tem como um de seus fundamentos a percepção de comunidade. Ele busca meios de operar mobilizações de recursos para enfrentar desafios e criar novas oportunidades e possibilidades em um ambiente de inovação. Através de ambientes propícios ao desenvolvimento tecnológico e de formação de engenheiros, cientistas e outros; espaços como laboratórios e empresas com propostas inovadoras, abordando as dimensões tecnológica e comercial. E assim

⁸ Traduzido do original: Thus, technology celebrates community as a social achievement, including its ongoing redefinition of "nature" and "culture" (ETZKOWITZ; LEYDESDORFF, 1998, p. 6).

desenvolvem produtos a partir de estudos realizados nestes espaços, e facilitam a operacionalização da inovação de acordo com Moreira Jr. (2017).

Corporações de estrutura altamente tecnológica que surgiram previamente ao modelo da tripla hélice buscam se filiar a instituições públicas para se adequar e melhorar sua imagem em resposta a regimes regulatórios de meio ambiente por exemplo, além de outras legislações. Empresas como Samsung e LG surgiram na Coreia do Sul em meio a um contexto ditatorial e de crise, e atualmente são gigantes no mercado da tecnologia e estão presentes em praticamente todo mundo. A Hyundai apesar de mais recente possui grande destaque no mercado automobilístico, e vem investindo em modelos menos poluentes, com materiais que possam ser reciclados como os elétricos, e recebe estímulos do governo sul-coreano para desenvolver essas novas tecnologias (BERTELLA; RUPPERT, 2018). Segundo um exemplo de Etzkowitz e Leydesdorff (1998), quando uma empresa quer expandir seus parceiros, existem modos mais eficientes de se fazer isso do que consultando seu conselheiro de vinte anos atrás, onde a melhor resposta está em buscar suprimento externo, com pessoas que possam ter uma visão diferenciada da interna. O foco na identificação de fornecedores afeta a corporação, alterando projetos existentes e objetivos. Esse sistema provoca tendências de integração e diferenciação, onde a co-evolução que ultrapassa a questão de se moldar a um determinado sistema, mas prospera com uma trajetória de dinâmicas complexas, onde a Tripla Hélice permite criar novas trajetórias baseadas em anteriores.

Comunicação estratégica proporciona novas oportunidades, pois é capaz de combinar perspectivas diversas às dinâmicas institucionais, adaptando-as de forma seletiva. Gerir diferentes nichos de capital humano é parte dos objetivos dessas dinâmicas complexas (ETZKOWITZ; LEYDESDORFF, 1998). A criação de uma rede de contatos possui várias camadas de adaptação, e a disseminação do conhecimento é primordial para que essas camadas possam se desenvolver. Assim, uma revolução acadêmica é uma das consequências dessa criação de camadas, onde as universidades passam a utilizar sua capacidade de pesquisa para propósitos científicos e econômicos.

O estudo de comunidades com ambientes multiculturais é essencial para a construção e avanço de tecnologias, já que a comunidade é a base da comunicação, mas isso não significa que ela seja garantida, é preciso atender e ouvir os desejos e

necessidades dessas comunidades para que essa comunicação seja efetiva. Com essa troca entre comunidade e instituições é possível para, Etzkowitz e Leydesdorff (1998), encontrar ideias e soluções inéditas para resolver problemas antigos e incrementar os recursos de uma forma sustentável. Os problemas sociais avançam assim como a tecnologia, aumentando as disparidades sociais e o acesso da população a estas tecnologias, e desse modo privando as instituições de potencial capital humano de qualidade.

A tripla hélice implica na pesquisa da inovação, e incorpora a relevância do *network*, incluindo relações incertas e ambientes diversos. A comunicação entre as hélices, proporciona a interação dinâmica entre respectivos novos códigos a serem explorados, que ainda podem ser institucionalizados e sustentados. Assim, podemos conectar essa interação dinâmica com a cooperação entre grupos de interesse como vimos de acordo com Moravcsik (1997), onde os grupos consistem na sociedade, as empresas e o governo, mas possuem como objetivo comum elevar o país e consequentemente adquirir vantagens individuais, por meio do auxílio mútuo. Os grupos de interesses apresentados por Moravcsik (1997), se relacionam diretamente com a tripla hélice, onde os interesses do governo e setor privado convergem, principalmente na busca por crescimento econômico, e a sociedade coopera em conjunto pois também se beneficia por meio da melhoria da qualidade de vida promovida pelo desenvolvimento do Estado.

Essa variação é selecionada nos mercados com base em diferentes sistemas de inovação. Os mercados podem ser locais ou globais, e os sistemas de inovação podem ser públicos ou privados, regionais ou transnacionais. Este complexo sistema não pode mais ser totalmente compreendido de um único ângulo, pois cada perspectiva tende a estabilizar outro reflexo. Os sistemas em estudo são interativos e, portanto, transitórios e compreensíveis apenas em termos de fluxos (ETZKOWITZ; LEYDESDORFF, 1998, p. 9, tradução livre).⁹

Assim, as hélices podem se recombinar dando ênfase a determinadas preocupações da indústria por meio da comunicação. As hélices se combinam de

⁹ Traduzido do original: This variation is selected on market places on the basis of different systems of innovation. Markets may be local or global, and innovation systems may be public or private, regional or transnational. This complex system can no longer be fully understood from a single angle, since each perspective tends to stabilize another reflection. The systems under study are interactive and therefore transient and understandable only in terms of fluxes (ETZKOWITZ; LEYDESDORFF, 1998, p. 9).

maneira diversa para proporcionar possibilidades, fornecendo caminhos sobre as quais os atores terão que construir suas inovações.

Afinal, a inovação é resultante da interação local entre invenções científicas, difusão econômica e poder político (ETZKOWITZ; LEYDESDORFF, 1998). Por isso, sistemas de inovação vêm com expectativa e o desafio de promover transformações que traduzam as necessidades do Estado. Os desafios da transformação estão na compreensão analítica, e no quebra-cabeças da recombinação das bases existentes para suprir as necessidades do amanhã. A tripla hélice serve para reflexão de como através da comunicação é possível estabelecer um balanço entre as instituições que promovam o desenvolvimento, por meio de perspectivas diversas e criatividade, aumentando a intensidade do conhecimento para celebrar a inovação. Esse é um ponto crucial para viabilizar a tripla hélice como estratégia para inserção no SI.

Esse modelo auxilia na descentralização do Estado como provedor exclusivo de desenvolvimento, mas também não exclui a responsabilidade do governo de promover a inovação. A sobreposição de instituições que participam dessa promoção ao desenvolvimento viabiliza um maior número de ideias e possibilidades, uma descentralização coordenada (MOREIRA JR., 2017).

A parceria entre setor público-privado para investimentos em pesquisa inovadora é essencial na modernidade para avançar de maneira mais rápida e efetiva, e todas as partes envolvidas recebem uma parte dos ganhos, sejam eles financeiros, políticos ou sociais. Pois dessa forma, as agências estatais promovem essas ações que viabilizam inovações em produtos comercializáveis, para assegurar o crescimento da indústria interna, visando um destaque econômico a nível global, seguindo o pensamento de Moreira Jr. (2017). Essa inovação constante é fruto de um ecossistema autônomo descentralizado, que preza além do desenvolvimento econômico também pela qualidade de vida. Assim,

No caso do estabelecimento de um ecossistema de inovação e da configuração dos sistemas nacionais de inovação, é a trajetória dependente que molda os alicerces institucionais responsáveis por conduzir os agentes a determinados comportamentos e reduzir as incertezas acerca da possibilidade de êxito da atividade inovativa (MOREIRA JR., 2017, p. 268).

Em alguns Estados, o governo é considerado a esfera institucional de maior influência, enquanto universidades e empresas são dominadas por ele, ou pelo menos

coordenadas. Assim é considerado um modelo estatista de organização social por Etzkowitz e Zhou (2017), como é implementado na França, ex-União Soviética e alguns países latino-americanos, onde as mudanças são impulsionadas com o intuito de fazer com que o processo de inovação avance rapidamente, por meio de novas fontes e iniciativas. E estas são concentradas na coordenação burocrática, que tende a reprimir as iniciativas que venham de seus inferiores.

Os EUA são um dos grandes exemplos de implementação da tripla hélice. Onde o arranjo institucional moldou os três vértices da hélice: governo, universidade e empresas. Cooperando com a ideia de que futuramente o desenvolvimento seria induzido de maneira sucessiva, continuando a trazer benefícios para as agências governamentais que continuaram aumentando o financiamento a pesquisa em universidades e estudos de ciências aplicadas. Essa é uma das razões que fez o país se destacar como liderança na implementação do modelo, e é reflexo para Moreira Jr. (2017), de investimento constante provindo tanto do âmbito privado quanto público. Apostando principalmente em campos básicos para o desenvolvimento de tecnologia como ciência básica, física e biologia molecular. Apesar de não utilizar a denominação de tripla hélice, esse modelo é usado indiretamente pelos estadunidenses desde a indústria do carvão e têxtil. Entretanto, o desgaste adquirido pelo estado norte-americano após diversos conflitos que abalaram sua reputação no cenário internacional e sua economia, o país precisou-se reinventar para superar os problemas e seguir sua escalada de poder. Dessa forma, “(...) o governo federal decidiu implementar um conjunto de mudanças, com elevado respaldo das elites políticas e sociais do país” (MOREIRA JR., 2017, p. 278). No entanto, essa política não fomenta somente a competitividade interna, mas também a externa. Por isso, o governo passou a estimular fortemente o investimento derivado de capital privado, o que faz com que o país se diferencie do Estado sul-coreano, como será abordado posteriormente, pois os investimentos de alto risco de investimento privado fragilizaram a visão do sistema internacional sobre alguns aspectos do modelo de inovação, com ênfase no retorno de curto prazo. A aplicação do modelo a realidade da Coreia do Sul será desenvolvida no próximo capítulo, assim como sua estruturação e implementação.

Desse modo, estruturas de tripla hélice estão surgindo em todo o mundo, mesmo que se desenvolvam de maneira desigual e em diferentes ordens de

progressão (ETZKOWITZ; ZHOU, 2017). A implementação de modelos de tripla hélice pode mudar ao longo do tempo e da realidade dos Estados, podendo ser liderado pelo governo em um momento, pela universidade e outro, posteriormente pelas empresas e até mesmo por outras ordens institucionais, como será analisado no caso da Coreia do Sul.

2.6 A Tripla Hélice sob a perspectiva da indústria cultural

A inovação não depende da pré-existência de uma indústria/empresa base de tecnologia para ocupar seu espaço. Quando bem estruturada e organizada se torna uma ferramenta institucional para o crescimento econômico e desenvolvimento social (ETZKOWITZ; ZHOU, 2017). A inovação muitas vezes não é mais que a reestruturação de configurações prévias dos elementos já existentes dentro de Estado, mas que não produziam com tanta eficiência, é usada para explorar novos setores e outros já existentes, mas que eram subestimados.

Nesse modelo de esferas interativas, iniciativas empreendedoras não incluem apenas ações de indivíduos que formam empresas na esfera industrial. Existem também iniciativas empreendedoras organizacionais, assim como individuais. Universidades e organizações governamentais igualmente podem ser empreendedoras e o empreendedorismo pode ser resultado da colaboração de indivíduos e organizações em várias esferas institucionais (ETZKOWITZ; ZHOU, 2017, p. 32).

A tripla hélice com esferas institucionais estritamente definidas, são marcas do modelo ideológico tradicional da hélice, onde o destaque cabe às interações entre universidade-governo-empresas com a sociedade. A sociedade, de acordo com Etzkowitz e Zhou (2017), crê no direito de os cidadãos discutirem efetivamente, se reunirem em organizações e sem necessitar de autorização do governo para isso, e assim, também produzir material para cooperar. A sociedade civil é formada tanto por grupos como indivíduos que criam organizações e movimentos que podem superar a capacidade de influência até de organizações pré-existentes. E dessa forma, sustenta e facilita a ordem institucional que promove as condições da inovação.

À medida que aumenta o número de fontes e níveis de iniciativa entre os protagonistas da Hélice Tríplice é criado um sistema de metainovação. A premissa para o crescimento dessa dinâmica é uma sociedade civil ativa em que as iniciativas são incentivadas por vários agentes sociais. Parte-se da

hipótese de que sociedades com uma sociedade civil forte têm maior potencial de ligar as esferas da Hélice Tríplice e, portanto, maior propensão à inovação organizacional (ETZKOWITZ; ZHOU, 2017, p. 42).

A necessidade de negócios capazes de provocar impacto social, de maneira lógica e com a capacidade de levar outros atores a desenvolverem estes modelos de negócio, permitiu debates diversos que levaram ao desenvolvimento do Modelo C da tripla hélice. O resultado dessas discussões resultou em iniciativas como o Modelo C, derivado dos fluxos de trabalho e capacidade organizacional, que se unem e se transformam em uma ferramenta que permite executar um processo de reflexões profundas. Esse modelo atualizado, traz de acordo com o manual do Modelo C, uma capacidade organizacional que presta suporte a uma intervenção para gerar mudanças sociais e também ambientais. Por isso, de acordo com os organizadores do Modelo C (MANIFESTO..., [c2018], p. 23),

Nesse fluxo os processos relativos à oferta de produtos e serviços que atendam uma necessidade de mercado e a tese de impacto do negócio estão integrados. Lembrando que negócio e impacto possuem uma relação sinérgica e não podem ser dissociados.

Para realmente compreender este empreendimento de impacto é preciso compreender a integração e a cooperação. O fluxo aparece de forma paralela ao impacto social, encontrando dimensões semelhantes, pois a emergência da transformação social diretamente associada à resultados financeiros. “Partimos da ideia que um negócio de impacto nasce sempre da vontade de mudar para melhor alguma realidade que nos incomoda ” (MANIFESTO..., [c2018], p. 27). Dessa forma a iniciativa para superar as dificuldades sociais é conhecer o problema e o contexto que o causa, para se organizar uma interação inovadora e superá-lo.

A sociedade civil é essencial para o funcionamento da tripla hélice, pois é dela que derivam muitas funções necessárias para a implementação do modelo, onde a população assume muitas vezes o papel de cientistas e parceiros no desenvolvimento de projetos inovadores. E é nesse papel que é possível identificar no modelo de tripla hélice implementado no Estado sul-coreano.

Dentro do modelo de tripla hélice, normalmente associamos imediatamente a inovação a indústria tecnológica. Entretanto, ela não precisa ser aplicada especificamente a este setor industrial. A Coreia do Sul, reformulou sua indústria

cultural interna com ajuda da sociedade, ganhou suporte governamental por meio do Ministério da Cultura e expandiu em pouco mais de duas décadas sua influência no SI (MINISTRY OF CULTURE...).

A indústria cultural, utiliza como base a cultura de um país, região ou povo para produzir itens para comercialização. A indústria cultural sul-coreana passou a resgatar sua cultura popular milenar e associá-la com elementos da cultura *pop* ocidental (CARVALHO, 2019). Assim surge um modelo único e inovador, criado no âmbito da indústria cultural, com estímulo governamental que viu em sua cultura uma saída para a crise que assolava o Estado. Criando conteúdo em massa e exportando esse material para além de suas fronteiras, primeiramente com seus vizinhos China e Japão, onde há uma identificação cultural imediata entre países asiáticos com valores culturais semelhantes. No entanto, a associação com a cultura *pop* permitiu que a população global se identificasse com os produtos sul-coreanos, as produções culturais adentraram a forte cultural Ocidental e se tornou extremamente popular em países ocidentais por meio de um fenômeno denominado *Hallyu Wave*.

3 A COREIA DO SUL E SUA FORMAÇÃO

A formação da Coreia do Sul é complexa e marcada por inúmeros fenômenos e influências externas. Para compreender o formação cultural e política da península iremos analisar o processo de formação do Estado do sul asiático. As ocupações, invasões e guerras que acarretaram na divisão da Península Coreana e na formação da Coreia do Sul, sob forte influência e cooperação com os EUA, durante a Guerra Fria. A Coreia do Sul é um país que teve seu princípio marcado por ditaduras e censura. Mas que conseguiu se reestruturar e transformou uma de suas restrições em um meio para o progresso.

O desenvolvimento e crescimento sul-coreano foi em grande parte financiado pelos estadunidenses a partir de altos índices de alfabetização e industrialização, provocando uma grande modernização no país (CARVALHO, 2019), como veremos a seguir. A cooperação entre o Estado sul-coreano e os EUA permitiu que o país tivesse recursos para investir no setor industrial, e depois promovesse a educação e melhoras para a sociedade coreana. A industrialização do país tem influência de capital externo, intervenção e estímulo governamental para a formação de conglomerados e o desenvolvimento de novas tecnologias, e também no investimento em mão de obra capacitada. O consenso entre o governo e os conglomerados, as elites dominantes no país, foi essencial para que o país tivesse um desenvolvimento uniforme. Entretanto a crise econômica que atingiu a Coreia do Sul no final dos anos de 1990, assim como a maioria dos demais países denominados Tigres Asiáticos (GUIMARÃES, 2009), fez com que o constante investimento de capital externo cessasse. E o Estado sul-coreano precisou se abrir para novas possibilidades, e usar de artifícios que já possuía e sua vasta cultura para se inserir no sistema mundo.

3.1 As primeiras décadas da Coreia do Sul

A formação histórica, política e econômica da península coreana até a efetiva consolidação do Estado sul-coreano é essencial para compreender o atual país e como estas questões influenciaram o desenvolvimento do país. Iniciando no século XX e finalizando a recapitulação no final dos anos 1990, pois é nesse momento que temos a implementação de um novo modelo de desenvolvimento baseado no *soft*

power da Coreia do Sul.

Em setembro de 1910 a península coreana que estava sob influência do Império Chinês e da dinastia Li, é derrubada pelo Japão. O governo militar japonês toma posse de Seul e subjuga a Coreia a sua vontade por 35 anos (MARASCIULO, 2020). Um dos períodos mais devastadores da história coreana, no qual a população se encontra sob os efeitos da fome (pois tem parte de sua produção de alimentos levada para o Japão), e violência japonesa, tem sua força de trabalho explorada e toda manifestação de oposição era reprimida com violência. O governo japonês explorou a população e o território coreano em detrimento do desenvolvimento de seu próprio Estado (BIANCO, 1980). Na esperança de recuperar sua liberdade, segundo Bianco (1980), muitos coreanos deixaram seus lares em busca de refúgio na região da Manchúria, território de domínio chinês. Entretanto, não foram bem recebidos nesta nova região também, gerando um conflito onde os nativos da Manchúria assassinaram 300 emigrantes coreanos, a situação deu respaldo para o governo japonês invadir e iniciar uma disputada territorial pela Manchúria com os chineses (BIANCO, 1980). Pouco antes do fim do regime japonês imposto à Coreia, devido ao fim da Segunda Guerra Mundial, os invasores do Japão levaram grupos de operários coreanos para lutarem na 2ª G.M., anulando mais uma vez os direitos dos coreanos, que por não serem considerados cidadãos japoneses não teriam a obrigação de servir ao exército de seu invasor, mas parte da população coreana perde suas vidas em campo de batalha nesta guerra defendendo um país que os explorava.

No entanto, com o fim da 2ª G.M., a península coreana é dividida e passa a receber grande influência dos vencedores da guerra, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e os Estados Unidos da América. A URSS passa a ocupar o norte da península e estabelece um Estado Satélite, assim também dominou o território com mais recursos da região, como minérios, fontes energéticas e especialmente hídricas (BIANCO, 1980). Já na parte sul, se estabelecia o governo Syngman Rhee com auxílio estadunidense. Porém, a disparidade de recursos e de território levou a Guerra da Coreia em 1950. A Coreia do Norte era considerada forte devido à ajuda bélica e militar vinda da URSS durante a guerra. Entretanto, o Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (CSONU) condenou o ataque norte-coreano ao sul. A Organização das Nações Unidas considerou o ataque injustificado e uma forma de represália da URSS, pois a ONU havia vetado a

participação do aliado soviético, a China, no Conselho de Segurança. Todavia, os EUA passam a enviar ajuda a Coreia do Sul, que havia sido surpreendida pelo ataque de seu irmão do norte. Que assim, consegue reagir a invasão, que resultou em inúmeras perdas populacionais para o norte e em perdas para os já debilitados cofres do sul (BIANCO, 1980).

Depois dos impactos da Segunda Guerra Mundial, da Guerra da Coreia e de um regime marcado, nos anos 1950, por corrupção e clientelismo, o golpe militar nos anos 1960 reformou o Estado e gerou as condições para a ação do *Developmental State*. Parte importante desse processo foi a criação do *Economic Planning Board* (EPB), agência dotada de autonomia, capacidade financeira e excelência burocrática para dirigir o processo de desenvolvimento. Todo o processo de reforma foi facilitado pela relativa fragilidade dos grupos econômicos (GUIMARÃES, 2010, p. 47).

As classes econômicas existentes estavam enfraquecidas, a classe agrária por exemplo não possuía *commodities* e estava fragilizada após a reforma agrária ocorrida em 1950. Desse modo, a economia sul-coreana só começaria a reverter sua situação econômica a partir de 1960 com reformas implementadas e o suporte norte-americano (GUIMARÃES, 2010). Após do cessar fogo entre norte e sul, com investimento dos EUA e a abertura econômica do país, temos o *boom* da industrialização, ne mesmo período também ocorre um aumento demográfico. O governo de Rhee foi interrompido devido a escândalos de corrupção em 1960, seguido por eleições que levaram a experiência democrática pela primeira vez para a Coreia. No entanto, foram interrompidos em 1961 por um golpe militar, que levou Park Chung-Hee ao poder, sendo este o líder que mais tempo ocupou o posto máximo do governo sul-coreano, apoiado por uma forte milícia e rede de espionagem, segundo Bianco (1980).

O governo de Park é um dos mais contraditórios da recente história do Estado sul-coreano, pois ao mesmo tempo que é creditado pelo sucesso econômico e a industrialização do país, também é criticado pelo autoritarismo e a corrupção (ARAÚJO *et al.*, 2021). Podemos observar que ao contrário do que era pregado com a Guerra Fria, onde a Guerra da Coreia era a disputa entre o norte “comunista” e repressor, e o sul da liberdade. Na verdade, constituía um sul guiado por ideias de abertura para o capital externo, especialmente norte-americano, mas com um governo interno restritivo e de pouca abertura internacional. A cultura teve papel fundamental

para a manutenção do governo autoritário de Park, sendo usada como elemento de coesão social, dando senso de pertencimento à nação, além de resgatar elementos da cultura tradicional coreana, construindo dessa forma a identidade nacional do Estado. Outra forma de manipulação da cultura, era sua utilização como meio de persuasão, com a criação de propagandas pró-governo, onde se buscava legitimar as ações do Estado e mobilizar apoio popular. E assim nasce o Ministério da Cultura e Informação Pública em 1962, responsável por patrocinar artistas e formular leis que intervinham no conteúdo cinematográfico produzindo, ou seja, censura (ARAÚJO *et al.*, 2021).

O assassinato de Park, leva Chun Doo-Hwan ao poder em 1980. O novo presidente conserva os traços autoritários de seu antecessor. A cultura como instrumento de estabilidade doméstica volta a fortalecer o autoritarismo, entretanto, também ocorre o avanço do desenvolvimento de políticas culturais, o “Novo Plano para Desenvolvimento Cultural” em 1981 e o “Plano Cultural do Sexto Plano Quinquenal de Desenvolvimento Econômico e Social” em 1986, de acordo com Araújo *et al.* (2021), atingindo outros propósitos. Com estes planos, Chun passa a promover o bem-estar cultural, ou seja, dá acessibilidade à cultura para a população, por meio da construção de teatros como a Casa da Ópera de Seul e a promoção da cultura regional através de intercâmbios com outros países. Entretanto, segundo Nye (2004), para que a disseminação cultural possa surtir efeito de *soft power*, os recursos não devem ser controlados pelo governo. Mas os regimes militares que comandavam o Estado no período ainda não possuíam o intuito de usar a cultura como recurso de influência internacional, mas sim de controle sobre a população.

A presença e influência norte-americana na Coreia do Sul é fundamental para a compreensão da evolução econômica e cultural do país, além da inspiração para adentrar como Estado de relevância no SI. Na década de 1960 era comum grandes empresas enviarem seus funcionários para treinamentos nos EUA, assim como é tradição famílias enviarem seus filhos para estudarem no país da América do Norte (MASIERO, 2000). Ainda, nota-se que

A taxa de estudantes de nível superior no exterior é duas vezes maior na Coreia que na Argentina, Brasil, Índia e maior ainda que a do México. A taxa de estudantes coreanos nos Estados Unidos em relação a população total do país só é superada pela de Taiwan. É grande também a presença dos

mesmos no Japão, onde, em números absolutos, somente são superados pelos chineses. Aproximadamente 12 mil deles obtiveram o grau de doutor (PhD) até o ano de 1995 sendo mais de 60% deles em universidades americanas e 57% do total nas áreas técnicas e de engenharia (MASIERO, 2000, p. 7).

A partir de 1993 temos a retomada do período democrático, pois o antigo presidente Roh é retirado do poder sobre a prerrogativa de compra de votos na eleição anterior, e a Coreia do Sul elege Kim Young-Sam. O novo presidente teve seu governo marcado pelo desenvolvimento da economia, mas sem o rígido controle do Estado. A globalização associada ao neoliberalismo expandiu as possibilidades para o país, levando a reestruturação financeira por meio de uma reforma trabalhista e também das corporações e repartições públicas foi responsável pela formulação do “Sétimo Plano”, após o Estado se tornar membro da ONU.

3.2 O desenvolvimento industrial

Como vimos previamente, o Estado sul-coreano, apesar de ser considerado liberal por ter sido apoiado durante a Guerra Fria pelos EUA, foi governado por regimes autoritários por cerca de 30 anos. E foram em grande parte, as políticas implementadas por estes governos que permitiram o desenvolvimento do país ou fizeram com que se buscassem alternativas em prol do desenvolvimento (MASIERO, 2000).

Assim, a industrialização da Coreia do Sul, é vista como norteador inicial do desenvolvimento do país e a formação dos conglomerados industriais coreanos *Chaebols*, essenciais para a economia do Estado. A influência dos governos no setor industrial e de promoção de políticas sócio-educacionais para complementar o desenvolvimento econômico-industrial.

A tecnologia é um agente relevante na promoção do desenvolvimento, e o desenvolvimento e adoção de novas tecnologias são essenciais para avanços científicos-tecnológicos, e deste modo para se adaptar as necessidades humanas e melhorar a competitividade e crescimento econômico no cenário internacional (GUIMARÃES, 2009). O desenvolvimento industrial pode ser utilizado de forma efetiva por meio da aquisição de capacidade de geração tecnológica, já que a tecnologia está em constante processo de evolução e é necessária a capacidade de acompanhá-la.

Entretanto, em economias em desenvolvimento, seu processo de industrialização inicia de maneira rápida. Ao invés de desenvolver tecnologias iniciais, elas implementam tecnologias simples e já consolidadas, e a partir destes recursos passam a desenvolver tecnologias mais complexas. Como ocorreu com alguns dos Tigres Asiáticos,

Por exemplo, economias recém-industrializadas (NEIs) como Coréia, Taiwan, Hong Kong e Cingapura começaram sua industrialização na década de 1960 com base principalmente em tecnologias simples em seu estágio maduro e sustentaram sua vantagem comparativa em indústrias maduras de mão-de-obra intensiva adquirindo rapidamente capacidade de produção. Recursos humanos bem treinados, mas com baixos salários, juntamente com uma política estatal apropriada e dedicação empresarial para atingir seus objetivos ambiciosos, trabalharam juntos para alcançar um rápido progresso industrial nas décadas de 1960 e 1970 (DAHLMAN; KIM, 1992, p. 440, tradução livre).¹⁰

O governo sul-coreano estabeleceu o Ministério da Ciência e Tecnologia em 1967, com o propósito de possuir uma agência governamental para coordenar os assuntos relacionados a tecnologia e demais ministérios. Entretanto o setor foi ignorado por ministérios que se destacavam pela ação, e que moldaram políticas industriais com base na promoção da produção e na exportação de trabalho intensivo em indústrias já maduras. Desse modo, as políticas sugeridas pelo Ministério da Ciência e Tecnologia não foram integradas no plano de desenvolvimento nacional do país (DAHLMAN; KIM, 1992). Com propósito semelhante ao do Ministério da Ciência e Tecnologia, em 1973 foi criado o Conselho Nacional para a Ciência e Tecnologia, no entanto, este projeto também foi pouco efetivo no objetivo de coordenar a conexão entre tecnologia e indústria, de acordo com Dahlman e Kim (1992). E assim o próprio setor industrial delimitava as políticas envolvendo a tecnologia.

O investimento maciço em recursos humanos, foi primordial para o desenvolvimento, difusão e aprimoramento da indústria tecnológica. O registro de vários níveis de educação formal aumentou no período, segundo Dahlman e Kim

¹⁰Traduzido do original: For example, newly industrializing economies (NIEs) such as Korea, Taiwan, Hong Kong and Singapore began their industrialization in the 1960s based largely on simple technologies at their mature stage and sustained their comparative advantage in labor-intensive mature industries by rapidly acquiring production capability. Welltrained but low-waged human resources, together with appropriate state policy and entrepreneurial dedication to accomplish their ambitious objectives, have worked together to achieve a rapid industrial progress in the 1960s and 1970s (DAHLMAN; KIM, 1992, p. 440).

(1992), cerca de cinco vezes mais crianças foram matriculadas no Ensino Fundamental, e condições semelhantes foram observadas no Ensino Médio.

O Estado nesse período delimitou alguns mecanismos de atuação para promover o desenvolvimento e industrialização do país. A seleção de indústrias prioritárias foi um, pois tinham o intuito de substituir as importações de bens de consumo e produzir no setor petroquímico, de eletrônicos e automóveis. O incentivo ao setor privado por meio dos *Chaebols*, que serão posteriormente aprofundados, foi primordial para o desenvolvimento destas indústrias prioritárias. A taxa cambial também passou a ser gerenciada, desvalorizando a moeda nacional para beneficiar as exportações. Agências como a *Korean Traders Association*, surgiram para facilitar o acesso de empresas coreanas ao mercado internacional, por meio do relacionamento com autoridades governamentais. Além do financiamento à exportação e os subsídios às indústrias locais como isenções fiscais (ESTUDOS..., 2009).

Em 1998, a Coreia submeteu-se a outra mudança de governo e passou a ser liderada por Kim Dae-Jung, cujos ideais básicos declarados foram os de promover o desenvolvimento baseado na democracia política e na economia de mercado. No início da década de 2000, ocorreu o aprofundamento da política de liberalização, desregulamentação do setor financeiro e do mercado local, assim como maior participação do setor privado, com o crescimento das privatizações. As políticas de Kim DaeJung também procuraram gerar um mercado mais transparente, impondo aos *Chaebols* regulamentações contábeis mais estritas e pressionando-os para que colocassem foco em seus negócios centrais.

3.3 Chaebols

Assim como os regimes japoneses, o governo militar de Chung-hee apostou no incentivo à formação de grandes grupos empresariais, conhecidos na Coreia do Sul como *chaebols*, por meio de estrutura de conglomerado e com atuação em diversos setores, formados por famílias da elite sul-coreana. No início, os grupos focavam na produção de itens simples, passando a possuir uma estrutura mais complexa e diversificada de produção a partir da década de 1970. Crescendo e ocupando espaço em nichos como os setores de máquinas, naval e automobilístico, e a partir de 1980

o setor eletrônico passa a se destacar no país (GUIMARÃES, 2009).

Por meio do auxílio governamental, estes grupos possuíam grande capacidade financeira, derivada de suas conexões com o sistema financeiro estatal, que permitiu uma maior capacidade de competição no mercado internacional, e conseqüentemente de avançar no desenvolvimento tecnológico. O incentivo do Estado sul-coreano a pesquisa e desenvolvimento era realizado por meio de subsídios, isenções fiscais e investimento direto. As ações consistentes e em harmonia entre o governo e o setor privado, os *chaebols*, permitiu um desenvolvimento essencial por meio da cooperação entre as elites políticas e econômicas do país. A estrutura de um conglomerado como os *chaebols*, traz vantagens de escopo e favorece estratégias de longo prazo para a conquista de mercados. Para Guimarães (2009), vantagens como estas proporcionaram uma abordagem mais agressiva e flexível e foi decisiva para o capitalismo sul-coreano. Assim como o incentivo a formação de *joint ventures* entre *chaebols* e empresas estrangeiras detentoras de conhecimento tecnológico, com o intuito de transferir estes conhecimentos para as indústrias sul-coreanas (ESTUDOS..., 2009).

Dentre os incentivos governamentais para que os *chaebols* prosperassem, houve a priorização de setores industriais previamente mencionados, e o financiamento de empresas para proteção contra as importações. O investimento em infraestrutura como aeroportos, rodovias e sistemas de telecomunicação, além do controle macroeconômico por meio de ações como a desvalorização da moeda. Os incentivos do governo coreano, se davam devido à compreensão estatal de que as empresas nacionais só conseguiriam competir no mercado internacional se estivessem no mesmo patamar de seus competidores,

À semelhança do Japão, os *chaebols* propiciaram um processo de industrialização que prescindiu do capital estrangeiro, internalizando decisões centrais para o funcionamento da economia. A economia coreana passou a ser marcada, então, por um forte grau de concentração, em que os grandes grupos empresariais respondiam por expressiva parcela da produção e das vendas na economia (CHANG, 2006 apud GUIMARÃES, 2009, p. 48).

Durante o governo autoritário da Coreia do Sul, o Estado possuía instrumentos para impor seus desejos. Entretanto com a retomada democrática na década de 1980, esse passou a ser um desafio para o governo. A democracia fortaleceu os grupos

trabalhadores, e também deu aos *chaebols* meios para reivindicar direitos frente ao governo, e aumentar a dependência dos políticos em relação aos empresários. “[...] de um lado, a democracia favoreceu a canalização de vozes descontentes com os privilégios recebidos pelos *chaebols*, de outro, fortaleceu esses grupos e reduziu a capacidade da burocracia de impor as reformas necessárias” (Chang, 2006, apud Guimarães, 2009, p. 50).

Foi na década de 1970 que os *chaebols* alcançaram seu ápice de crescimento, com a priorização dos setores industriais pesados e químicos. Nesse momento, os conglomerados se tornaram o centro da economia nacional. Os cinco maiores conglomerados do Estado sul-coreano se estabeleceram nesse período e continuam perdurando até a atualidade, Hyundai, Samsung, Daewoo, LG e Ssangyong159, são *players* importantes no mercado internacional e essenciais para a Coreia do Sul (LIMA, 2017).

As políticas econômicas implementadas pelo General Chun Doo Hwan, visavam a estabilidade econômica e crescimento moderado, por meio de um programa de estabilização que incluía o congelamento do orçamento estatal (ESTUDOS..., 2009). A partir de 1988, com o governo de Roh Tae Woo, as reformas políticas iniciaram no âmbito da propriedade de terras e passaram para as transações financeiras, e a concentração de poder dos conglomerados em relação as demais empresas (ESTUDOS..., 2009).

Nos anos 1990, a tendência de globalização e a criação da Organização Mundial do Comércio, junto com a entrada da Coreia do Sul na OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico), pressionaram por mudanças no cenário econômico coreano. Os novos tempos e acontecimentos exigiam que a Coreia mudasse sua estratégia econômica nacional, transformasse seu estilo administrativo e introduzisse reformas em sua estrutura industrial e financeira para manter o crescimento econômico (ESTUDOS..., 2009, p. 181).

Dessa forma, a Coreia do Sul se destacou no cenário internacional como um líder global de indústrias nos ramos de eletrônicos, automóveis, petroquímicos, robótica e outros como o naval. Empresas reconhecidas internacionalmente como Samsung, Hyundai e LG são líderes em seus setores.

3.4 Influência governamental no desenvolvimento

O modelo econômico construído na Coreia do Sul é fortemente marcado pela intervenção estatal. Principalmente por meio da relação de proximidade entre o governo e grupos empresariais, onde o governo estimulou por meio de incentivos o desenvolvimento do setor industrial e propiciou a entrada competitiva das empresas no mercado internacional. “O controle do setor financeiro deu ao Estado forte capacidade de promover os setores considerados estratégicos” (GUIMARÃES, 2009, p. 58). A alta capacidade de monitoramento propiciada por uma estrutura burocrática capacitada, permitiu que os incentivos se convertessem em um aumento de produtividade, competitividade e nas exportações. Esse modelo foi implantado a partir de 1960 e se mostrou bastante eficiente no período dos anos 1980 para a industrialização do país.

O Estado foi um importante estimulador da demanda por produtos de alta tecnologia. E assim, ajudou a promover a o desenvolvimento de empresas com tecnologia de ponta em seu país,

Primeiro, o governo tem desempenhado um papel importante ao estimular o lado da demanda da transferência de tecnologia por meio de compras. Por exemplo, o anúncio do governo de que compraria 5.000 computadores pessoais em 1982 e mais nos anos subsequentes para escolas públicas atraiu muitos novos entrantes na indústria de computadores e induziu as empresas existentes a fazer investimentos agressivos para transferência de tecnologia, esforços locais de P&D e produção, marcando um importante ponto de virada para a indústria (DAHLMAN; KIM, 1992, p. 446).¹¹

Várias instituições especializadas em pesquisa se estabeleceram com ajuda do governo, para fomentar a capacidade de desenvolvimento da indústria em diversas áreas prioritárias, como construção naval, recursos marinhos, eletrônica, telecomunicações, energia, maquinário, produtos químicos, tudo com níveis de padronização internacional. De acordo com Dahlman e Kim (1992), estes centros de pesquisa contribuíram profundamente para o desenvolvimento industrial e para o

¹¹ Traduzido do original: First, the government has played an important role by stimulating the demand side of technology transfer through procurement. For example, the government announcement that it would purchase 5,000 personal computers in 1982 and more in the subsequent years for public schools attracted many new entrants to the computer industry and induced existing firms to make aggressive investments for technology transfer, local R&D efforts and production, marking a major turning point for the industry (DAHLMAN; KIM, 1992, p. 446).

desenvolvimento de produtos pioneiros, e adaptando e melhorando tecnologias importadas, tornando o setor mais sofisticado e bem preparado com o auxílio da expertise destes centros.

Decretado pelo governo sul-coreano em 1986, o Ato de Financiamento a Promoção de Novas Tecnologias Para Comercialização, foi uma adição importante para o estímulo da formação de instituições financeiras específicas para suprir as necessidades das novas empresas pautadas no desenvolvimento de novas tecnologias. O financiamento para P&D veio de cinco fontes principais: um Fundo Nacional de Investimento, Fundo Industrial de Desenvolvimento, o Fundo de Desenvolvimento do Banco de Desenvolvimento da Coreia, promoções fundos de desenvolvimento tecnológico para novos produtos e materiais, assim como do Fundo de Promoção a Pequenas e Médias Indústrias (DAHLMAN; KIM, 1992).

O modelo de desenvolvimento sul-coreano, era fortemente dependente de um arranjo interno para regulação, indispensável para neutralizar as fontes de instabilidade no sistema financeiro e na organização de grupos empresariais. Entretanto, esse modelo e sua capacidade de regulação ficou comprometida com a desregulamentação para reduzir a intervenção estatal no sistema governamental. O que tornou necessário medidas rápidas, mas que eram constantemente bloqueadas pelos *chaebols*.

A pressão por parte dos EUA e do Fundo Monetário Internacional (FMI), um dos grandes investidores da Coreia do Sul, foi decisiva para a instauração das reformas no país (GUIMARÃES, 2009). A crise dos Tigres Asiáticos foi perfeita para os investimentos dos EUA no leste asiático, pois proporcionou a oportunidade de implementar o modelo empresarial norte-americano em várias empresas e indústrias asiáticas. A dependência de recursos externos sul-coreana, deu ao FMI capacidade de pressionar por reformas. Estas reformas vieram com o desmembramento do *Development State*, como parte da estratégia sul-coreana para se tornar membro da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). A desregulamentação teve consequências como o aumento de canais de mobilização de recursos por meio de investidores. No entanto, houve a redução dos mecanismos de controle de regulação governamental (GUIMARÃES, 2009).

Entretanto, a resposta à crise foi rápida por parte da Coreia do Sul. Grande parte da superação da crise se deu devido a criação da *Financial Supervisory*

Comission, que era altamente qualificada. O governo sul-coreano também soube usar a intervenção do FMI com inteligência, atribuindo à instituição internacional a responsabilidade por grande parte das medidas impopulares e de resistência política. O novo presidente eleito em 1997, Kim Dae Jung promoveu ações para uma maior interação entre Estado e sociedade, estabelecendo laços com trabalhadores e grupos populares, já que os *Chaebols* e o governo ainda eram vistos como resquícios dos governos autoritários, segundo Guimarães (2009). Dessa forma, buscou promover uma aproximação da sociedade com o governo e o setor privado, através de concessões aos trabalhadores, criando o seguro desemprego e garantindo na rede de seguridade social, uma contrapartida as demissões geradas durante a crise.

O enfraquecimento dos *Chaebols* e da classe trabalhadora com a crise, deu autonomia ao Estado. Os burocratas e políticos lideraram as reformas que permitiram a retomada econômica do país.

O Estado coreano desempenhou importantes funções, que incluíram a alocação de crédito subsidiado, a adoção de procedimentos para a redução do risco de investimentos estratégicos, a participação na negociação para a importação de tecnologia e o estímulo ao desenvolvimento tecnológico. A política industrial beneficiou-se da capacidade de conciliar proteção e estímulos com a pressão por aumento de exportações, permitindo a conquista de mercados externos e a expansão da escala (CHANG, 2006 apud GUIMARÃES, 2009, p. 57).

O sucesso do desenvolvimento sul-coreano não é mérito exclusivamente dos investimentos presentes nas primeiras fases da industrialização sul-coreana. O governo do país tinha como objetivo por meio de suas intervenções o intuito de complementar, e não substituir as ações do setor privado. A agilidade na adoção das reformas foi essencial para a rápida recuperação econômica. Para Guimarães (2009, p. 58): “Tal sucesso dependeu de uma estrutura institucional que dava grande força ao Executivo e da capacidade de ação da burocracia, fortalecida pelo enfraquecimento dos *chaebols*”.

A políticas sul-coreanas implementadas entre aos anos 1960-1970, não foram efetivas na promoção do desenvolvimento de capacidade tecnológica, devido à falta de demanda de produtos com tecnologia agregada dentro do país, ou seja, não havia mercado para estes produtos (DAHLMAN; KIM, 1992). Somente a partir de 1980 a tecnologia passou a ser considerada uma variável relevante para competição no

mercado internacional, e a implementação de políticas e incentivos se tornou efetiva.

A cooperação entre os atores passa ser crucial para o país, pois Estado, indústrias e a sociedade, todos estão relacionados e passam a atuar em conjunto em busca de objetivos próprios por meio do fortalecimento comum. Enfatizar seu produto cultural interno para a expansão internacional.

3.5 O paralelo entre mão de obra e educação

Como parte dos incentivos para promoção ao desenvolvimento na Coreia do Sul, o governo entendeu que era necessária mão de obra capacitada para possibilitar este feito. Assim, o orçamento destinado para a educação cresceu gradativamente de 2,5% em 1951 para 17% em 1966 e 23% em 1995 (KAWANO, 2021). Entretanto, os gastos governamentais não foram exagerados, já que a iniciativa privada também via na educação uma forma de investimento para suas empresas, tanto que o investimento partia não exclusivamente de grandes empresas, mas também de famílias de renda elevada.

Isto reflete o forte compromisso da sociedade coreana para com a educação que, já no início dos anos 80, havia acabado com o analfabetismo no país. Na metade dos anos 90 contava com 100% de alunos em idade escolar matriculados no primeiro grau, 99% na escola média (12 a 14 anos) e 89% no segundo grau (15-17 anos). O percentual de 11 dos jovens em idade escolar matriculados no ensino superior, em 1970, cresceu para 28, em 1980, 59 em 1990 e 70 em 1994 (MASIERO, 2000, p. 6).

A Coreia do Sul ultrapassou outros países recém industrializados em praticamente todos os índices educacionais (DAHLMAN; KIM, 1992). O alto investimento em recursos humanos, acarretou nos primeiros anos em um problema de desemprego para os mais capacitados. Entretanto esse problema estabeleceu uma base importante para o desenvolvimento econômico subsequente, que logo absorveu o superávit.

Com o investimento para o desenvolvimento das indústrias e dos *chaebols*, o governo precisou buscar alternativas para buscar conhecimento técnico e desenvolver estas inovações. Assim, juntamente com a instalação de empresas estrangeiras em seu território, profissionais estrangeiros também se alocaram no país com o intuito de ensinar seus novos colegas coreanos. E para as empresas nacionais, o governo

buscou outra alternativa, enviar profissionais para o exterior, especialmente os EUA. Ao se qualificar, estes profissionais no seu retorno, que também era uma condição pré-estabelecida, teriam a missão de repassar esses conhecimentos aos colegas nas empresas e também nas universidades (DAHLMAN; KIM, 1992). Este modo de incentivo fortaleceu as universidades coreanas, que se tornaram referência a nível internacional, como a Universidade de Seul. Estes incentivos tornaram a Coreia do Sul uma fonte de mão de obra altamente qualificada, e capaz de evitar grande parte da fuga de cérebros, pois as empresas coreanas possuem demanda por estas pessoas.

Em segundo lugar, como a tarefa tecnológica focal mudou da engenharia reversa imitativa para a própria inovação na década de 1980, o maior foco no desenvolvimento de recursos humanos tem sido no ensino superior. As taxas de matrícula no ensino superior aumentaram mais de 70% em seis anos entre 1980 e 1986. Como resultado, o número de cientistas e engenheiros na Coreia mais que dobrou desde 1980 (DAHLMAN; KIM, 1992, p. 446).¹²

Ao contrário de muitos países que importam tecnologia, a Coreia do Sul buscou um modo de aprender a desenvolver sua própria, e segue propagando seu conhecimento internamente. Os coreanos fizeram grandes avanços na educação, de acordo com o Programa de Avaliação Internacional de Alunos (*Programme for International Student Assessment's*), o país possui a terceira melhor educação científica do mundo (ESTUDOS..., 2009). A necessidade de mão de obra qualificada, levou ao investimento em educação, e assim o país se abriu para investimentos estrangeiros, mas com o intuito de desenvolver sua própria mão de obra, atualmente desejada por grande parte das empresas globais. A relação entre governo, empresas do setor privado e a própria sociedade estão interligadas no processo de desenvolvimento da Coreia do Sul, seja através de investimentos financeiros, políticas de incentivo ou pela cooperação social.

Profissionais altamente capacitados são um dos principais recursos das indústrias sul-coreanas, e o incentivo a capacitação além da remuneração

¹² Traduzido do original: Second, as the focal technological task has shifted from imitative reverse engineering to own innovation in the 1980s the greatest focus in human resource development has been on higher education. Enrollment ratios in higher education increased over 70 percent in six years between 1980 and 1986. As a result, the number of scientists and engineers in Korea has more than doubled since 1980 (DAHLMAN; KIM, 1992, p. 446).

correspondente fazem com que haja um fenômeno curioso, uma espécie de fuga de cérebros temporária, no país. Afinal, acadêmicos e profissionais são estimulados a buscar conhecimentos em outros países, mas com o intuito de retorno e de compartilhar o conhecimento adquirido tanto para o desenvolvimento de pesquisas na área industrial como também nas universidades (MASIERO, 2000).

Outro ponto a ser observado, é que esta parcela da população que vai adquirir conhecimento no exterior, tem papel fundamental no desenvolvimento da indústria cultural. Afinal levam parte de seus costumes e tradições consigo quando deixam a Coreia do Sul, disseminando no aspecto micro a sua cultura. O efeito reverso também ocorre, quando retornam a Coreia, já incorporaram elementos culturais ocidentais a suas vidas, como a cultura *pop*.

4 A INSERÇÃO DA COREIA DO SUL NO SISTEMA INTERNACIONAL

Muitos países viram no *soft power*, uma alternativa para atrair pessoas e mudar sua imagem em relação a um determinado aspecto de poder. O *soft power* pode se tornar mais eficaz na nova ordem mundial, do que forças tradicionais como o poder econômico e militar em diversas situações. Quando a cultura e as ideologias de um país são atraentes, as pessoas seguem os movimentos e a liderança dessa cultura com mais disposição (NYE, 2004).

A diplomacia cultural enfatiza a abordagem do *soft power*, conforme observamos previamente, consiste na utilização de recursos culturais que exerçam influência sociopolítica para promover a imagem de um Estado. Assim como também se mostra uma ferramenta efetiva para o crescimento econômico por meio da cooperação entre nações e do comércio internacional (KAWANO, 2021). Nesse ambiente diversificado, composto por aspectos políticos, culturais, sociais e econômicos em um cenário internacional multipolar. Os países se tornam mais influentes no SI quando possuem uma atuação em múltiplas frentes, entretanto alguns *players* se mostram mais influentes em alguns campos do que em outros aspectos. Mostrando que há uma interdependência entre os atores que compõem o SI e suas atuações nele, segundo Kawano (2021). E assim, os países se moldam de acordo com seus objetivos e recursos, mostrando a dinamicidade e mutabilidade das relações dos *players*, em busca de novas maneiras de se destacar com formas de poder não tradicionais.

O *soft power* e o desenvolvimento da indústria cultural da Coreia do Sul podem ser analisados por meio de mídias jornalísticas, que são um dos principais segmentos e suportes de disseminação de cultura pop coreana, e outros artifícios como indexadores. A indústria cultural sul-coreana conta com linguagens audiovisuais diversas, envolvem manifestações artísticas e culturais como *Kpop* e o *Kdrama*. E os órgãos públicos, assim como o setor privado ajudam na promoção cultural sul-coreana presente em *The Korea Creative Content Agency* (KOCCA); e *Korea Foundation for International Cultural Exchange* (KOFICE) de acordo com Kawano (2021). Essa disseminação cultural internacional promovida por múltiplas frentes tem como objetivo destacar a Coreia do Sul no SI.

4.1 Incentivo à Indústria Cultural

Várias esferas que podem compor a tripla hélice possuem capacidade de influenciar e facilitar a possível expansão da influência do país asiático sob observação. Assim,

Watson (2012) afirma que o poder brando liderado pelo Estado é entendido como uma extensão do poder estatal, enquanto para a sociedade civil o poder brando não oficial envolve as interações de indivíduos e organizações não-governamentais que frequentemente se mobilizam na sociedade civil e usam novas tecnologias da informação, como trocas culturais, cultura popular, mídias sociais, movimentos sociais, trocas de música e literatura e assim por diante (apud KAWANO, 2021, p. 9).

No início do desenvolvimento industrial sul-coreano, o General Park tinha como foco do seu plano econômico uma política industrial exportadora, e para isso promoveu reformas no âmbito da educação, com investimentos em P&D industrial (GUIMARÃES, 2009). Com o suporte dos *chaebols* instalou diretrizes para alavancar a política desenvolvimentista de mercados externos que serviu de base para a subsequente indústria criativa – cultural. A cooperação entre os setores público, privado e social é fundamental para o crescimento e disseminação da indústria cultural sul-coreana.

Todavia, a atual indústria cultural sul-coreana não possui viés ideológico como ocorrido no passado, quando a indústria cultural era controlada pelo Estado e utilizada para manipular a população como na Alemanha nazista e a URSS durante a Guerra Fria (MASIERO, 2000). A indústria cultural sul-coreana conta com a participação popular na disseminação de seus atributos, não estritamente para consumo interno, mas sim com foco no mercado externo. Dessa forma, os coreanos buscam agregar valor aos seus produtos e incrementar a projeção da imagem do Estado junto aos demais *players* internacionais.

A indústria cultural global possui grande influência de forma independente, para Kawano (2021, p. 12): “a transição de uma política ditatorial para um regime cultural, permitiu a liberação da indústria cultural sul-coreana pois sua produção cultural também apresentou muitos aspectos econômicos aos interesses nacionais da época”. Entretanto, a Crise dos Tigres Asiáticos nos anos 1990, obrigou o Estado sul-coreano a se reinventar.

A invasão de produtos culturais japoneses na Coreia do Sul no final dos anos 1990 fizeram com que o governo coreano fomentasse uma reestruturação da indústria cultural coreana. A indústria coreana se inspirou na estética japonesa e ganhou competitividade com fortes investimentos em política cultural (KAWANO, 2021). A Coreia do Sul passou a promover seus produtos culturais através de fundos estatais e privados, e os investimentos no setor continuam fluindo.

Por meio de institutos voltados ao fomento da cultura e na expansão para mercados estrangeiros, o governo fortaleceu seu apoio em políticas culturais, e a indústria investiu nos produtos culturais. Por trás de todos estes investimentos e políticas de incentivo à indústria cultural, existe o objetivo de tornar a Coreia do Sul uma das maiores exportadoras de produtos culturais do continente asiático, e uma das principais instituições para a divulgação da cultura coreana está o KOFFICE (KAWANO, 2021). A cooperação interna entre múltiplos setores foi essencial nesse caso, afinal os governos do país já enfrentaram muitas inconstâncias além da ausência de recursos financeiros, e a indústria e sociedade não conseguiriam contribuir sem estímulos a indústria e no âmbito social, como a educação.

Os grandes investimentos na indústria cultural elevaram o status sul-coreano,

Tirando este país do Extremo Oriente da condição de mero exportador de produtos manufaturados para um grande exportador de produtos culturais condutor de tendências no continente Asiático. Conforme a obra, a Coreia do Sul se transformou em uma máquina de exportação de sua cultura no final do século XX e conduzida pelos sucessivos governos até os dias atuais sendo o arcabouço do que ficou conhecido como *Hallyu Wave* (KAWANO, 2021, p. 13).

Os produtos culturais proporcionaram à Coreia do Sul um meio para o crescimento econômico, político e social. A implementação da agenda cultural do país se deu de maneira única, com um fenômeno espontâneo que trouxe um novo caminho a ser explorado a seguir, a *Hallyu Wave*.

4.2 Hallyu Wave

A *Hallyu Wave* surgiu como um fenômeno que visava a expansão comercial no continente asiático, mas ultrapassou sua capacidade inicial e levou a cultura coreana para um novo patamar. Superando expectativas e conquistando premiações e status

de tradição ocidental. Assim, serão apresentadas as fases da onda coreana, e sua caracterização em cada período, pois há uma diferenciação e crescimento de produtos culturais exportados ao longo das fases da onda.

O marco cultural inicial da *Hallyu Wave* são as Olimpíadas de Seul em 1988, que usou da estabilidade econômica proporcionada pelo Tigre Asiático até o início dos anos 1990. Por meio do reconhecimento como Tigre Asiático, a Coreia do Sul em 1999 sob a liderança do presidente Kim Dae Jung, que através do incentivo a indústria cultural permitiu a disseminação de produtos coreanos principalmente na China e Japão (KAWANO, 2021), passou a promover a imagem do país no SI.

Com uma estética áudio e visual híbrida, onde há também alusão a elementos da cultura *pop* ocidental, a Coreia do Sul se mostrou eficiente em atravessar fronteiras por meio de seus produtos culturais. A música é um dos principais produtos sul-coreanos, impulsionado pelas redes sociais o gênero *kpop* influencia milhares de jovens. Acompanhados do *kpop* vieram os *games*, a moda, produtos de maquiagem e *skincare*, comida e tecnologia, ou seja, se tornou um estilo de vida, popular e com alcance promissor (KAWANO, 2021).

A onda coreana iniciou de maneira singela, com o sucesso de alguns filmes, justamente em nações vizinhas como Japão e China, com as quais ainda existia uma animosidade rondando a relação, segundo Ban (2020). Assim, a Coreia do Sul percebeu seu potencial para criar uma “marca coreana”, visando o desenvolvimento econômico e a criação de uma identidade nacional. Para Yuna Ban (2020, tradução livre): “*Hallyu* é agora um recurso significativo que pode criar *soft power* para construir uma imagem não coercitiva e atraente da ação, evitando tensões potenciais em outras dimensões”¹³. Quando um Estado desenvolve uma marca, com símbolos nacionais que geram conexão emocional e de certa forma, de pertencimento imaginado (KAWANO, 2021). Esse tipo de narrativa ajuda na atração e competitividade por investimentos e consumidores.

Grande parte do sucesso do desenvolvimento dessa identidade coreana, se deu com a associação de tradições culturais coreanas combinadas com a cultura *pop* ocidental contemporânea, tornando a cultura sul-coreana única, mas facilmente

¹³ Traduzido do original: *Hallyu* is now a significant resource that can create potential soft power to build a non-coercive and attractive image of action, avoiding potential stresses in other dimensions (BAN, 2020).

reconhecível para a população de acordo com Lee Geun (2009). A associação da cultura tradicional milenar coreana com elementos ocidentais faz com que a cultura sul-coreana tenha suas possibilidades e mercado ampliados, além Ásia. Entretanto, é necessário cuidado com a aplicação desse multiculturalismo, pois quando exacerbado pode gerar uma crise identitária e perda dos seus valores nacionais, já que a globalização tem o poder de diluir as ideologias nacionais quando simplesmente absorvidas (KAWANO, 2021).

A primeira onda da exportação cultural sul-coreana teve início com a produção de *K-dramas*, que fizeram sucesso em países asiáticos, mais especificamente Leste e Sudeste Asiático, proporcionando uma retomada das relações estagnadas após o final da Guerra da Coreia com países como a China (CARVALHO, 2019). A popularidade dos seriados de televisão no exterior se tornou gigante, proporcionando uma melhor percepção destes países sobre a Coreia do Sul.

Iniciada em 2007, o impacto das tecnologias como as redes sociais e *smartphones* tornou-se aliada dos produtos culturais sul-coreanos, aumentando o acesso a territórios ainda não explorados. Já a segunda onda, sofreu um grande impulso da globalização e da internet, levando especialmente a indústria cultural fonográfica, e o denominado *Korean Pop* também começou a ascender e ser exportado para o Ocidente (KAWANO, 2021). A indústria também sofreu um impacto positivo com o novo mercado de jogos *online*, que se tornou um dos principais ativos de exportação sul-coreano.

A partir da criação da indústria cultural, se criou também uma reação em cadeia da disseminação de produtos culturais. As indústrias fonográfica e cinematográfica expuseram hábitos da população sul-coreana, desde alimentação, até estéticos como moda e beleza, mas também tecnológicos. A indústria viu nesse fenômeno uma oportunidade de crescimento, e fortalecimento da indústria nacional sul-coreana (BAN, 2020). Cadeias produtivas que antes atendiam somente a necessidades nacionais passaram a ser requisitadas a nível internacional e comercializar seus produtos com novos mercados.

A terceira onda, é mais focada em cosméticos, saúde, alimentação e *software*/entretenimento. Marcas de cosméticos são um exemplo popular de acordo com Carvalho (2019), se apresentam estrategicamente em *kdramas* e *kmovies*, além de também recrutarem atores e atrizes como modelos para estimular a popularidade

dos produtos. A terceira onda englobou inúmeros produtos culturais que passaram a se inter-relacionar, já que ao ouvir *kpop* os ouvintes buscavam assistir *K-dramas*, ao assistir os programas se encantavam pelos produtos de beleza e sentem o desejo de provar o que os personagens comem por exemplo.

Já a quarta onda, também compreendida como a atual. É o momento em que a onda chega a seu ápice, já é uma onipresença para Carvalho (2019). Ou seja, o objetivo foi alcançado de criar uma marca nacional, agora podem só continuar expandindo seu domínio e interesses através de parcerias globais. Empresas como Samsung viram no fenômeno uma oportunidade de expandir a familiaridade de seu nome, e associar a empresa a uma marca nacional, afinal muitos consumidores da tecnologia Samsung nem sabiam que a empresa era sul-coreana.

E assim, as próprias empresas coreanas viram em sua indústria cultural uma forma de se auto promover. A Samsung é um dos principais exemplos, a empresa patrocina alguns dos principais grupos de *kpop* da Coreia em troca de *posts*, e é raro identificar ao se assistir filmes e séries sul-coreanas, personagens utilizarem *smartphones* que não sejam modelos da empresa sul-coreana. Em 2020, a empresa inclusive lançou uma colaboração com o grupo de *kpop* BTS, os produtos da coleção foram os mais vendidos da empresa no primeiro semestre de 2020 e esgotaram em pouco tempo (SCAVASSA, 2020). A Hyundai é outra empresa que viu neste setor uma oportunidade de expandir seu mercado internacional, em 2020 a empresa contratou dois *idols* de *kpop* para estrelar sua campanha de lançamento do seu novo modelo de automóvel, Hyundai Tucson '*Beyond DRIVE*' (HYUNDAI WORLD WIDE, 2020).

É interessante ressaltar que órgãos governamentais auxiliam nesse processo e ajudam a promover sua cultura ao redor do mundo. Ao analisarmos os perfis da Embaixada da Coreia do Sul no Brasil podemos observar o incentivo a indústria cultural por meio de concursos culturais gastronômicos, literários e de dança. Além da promoção de sessões de cinema com sucessos sul-coreanos e o estímulo a educação por meio de bolsas de estudos para graduação e pós-graduação, como o programa GKS (*Global Korea Scholarship*). E no exterior não é diferente, o país conta com diversos órgãos como, Ministério de Turismo da Coreia do Sul (MCST), KOCIS e a KOFFICE na condução da propagação da onda (KAWANO, 2021).

A *Hallyu Wave* é um instrumento de relevância para a economia da Coreia do Sul, especialmente da indústria cultural,

(...) os artistas e produtores culturais têm sido a principal força motriz para divulgação da cultura coreana tendo assim o governo como somente um auxiliador. Há interesses mútuos entre os atores sociais pois o escoamento de produtos culturais impacta positivamente a Economia da Coreia criando empregos e formando uma cadeia produtiva da indústria cultural como música e turismo (YOO, 2018 apud KAWANO, 2021, p. 18).

A Coreia do Sul percebeu na *Hallyu Wave* uma possibilidade para projetar sua influência no SI e mostrar ao mundo uma imagem positiva e lúdica de seu país. Por se tratar em de um fenômeno multifacetado, constituído por produtos culturais nas mais diversas frentes que vão desde gastronomia até jogos e produtos tecnológicos. Estas manifestações culturais enfatizam as ideias sul-coreanas voltadas a sua cultura, e fortalecem sua própria história. A constante transformação desse fenômeno, torna a *Hallyu* mais efetiva no sentido alcançar cada vez mais públicos e manter sua popularidade do país.

4.3 As consequências da indústria cultural na influência da Coreia do Sul

O modelo coreano levou a grandes mudanças no país, em relação a produção e pesquisa em tecnologia, altos níveis de educação e bem-estar social. Um dos muitos efeitos da expansão cultural sul-coreana foi a melhora da imagem do país frente ao SI, que passou a ser visto como um parceiro de negócios interessante e também um mediador. Um dos principais avanços do país está na reaproximação com a Coreia do Norte e Japão, dois países com os quais a Coreia do Sul já nutriu desafetos e conflitos armados. Com o Japão houve uma reaproximação por meio do intercâmbio cultural de produtos como previamente percebemos, e a sediação conjunta da Copa do Mundo de Futebol de 2002 se tornou um marco dessa reaproximação (JANG; PAIK, 2019).

O governo coreano utilizou a cultura *pop* coreana como ferramenta para estabelecer uma opinião pública positiva e dar credibilidade em meio aos demais países do SI, para conceber avanços em escala política e incentivar o investimento em produtos culturais da Coreia do Sul (YOO, 2018). O *soft power* é um instrumento essencial para muitos países influenciarem seus potenciais parceiros de interesses, de acordo com Kawano (2021, p. 8): “uma vez que o processo político permite formar

o governo e a opinião pública que promoverão a implementação dos interesses nacionais de atores globais tradicionais e novos”.

Com os feitos obtidos na fase mais recente da *Hallyu Wave*, o nome do país asiático fica em evidência. Grupos musicais do gênero *kpop* como BTS, Blackpink e Twice alcançaram grandes feitos em plataformas de música como a Billboard. O grupo coreano BTS passou a ser o artista com mais entradas no topo da parada musical de 2020, levando cinco canções ao primeiro lugar num período de 10 meses (EXTRA, 2020). O mesmo grupo também teve a honra de ser nomeado para discursar na ONU sobre combate à violência contra crianças e adolescentes, onde reforçaram a importância da esperança e da companhia para enfrentar a pandemia (EXTRA, 2021). A indústria musical do país vem faturando bem com a disseminação para o Ocidente. O *kpop* rendeu em 2018 cerca de US\$4,7 bilhões (ORTEGA, 2019). Esses resultados são provenientes de quase três décadas de investimento no setor cultural, tanto por parte do governo quanto do setor privado. O crescimento da indústria fonográfica pode ser medido pelo crescente número de empresas atuantes no setor, que contabilizam mais de 3 mil produtoras, dentre elas, três possuem *status* de grandes empresas como é o caso da *SM Entertainment*, JYP e YG. O mercado de música na Coreia do Sul ultrapassou o Brasil, e passou de 30º colocado no mercado fonográfico mundial, para 6º em dez anos (ORTEGA, 2019).

O filme “Parasita” também alcançou feitos históricos para uma produção sul-coreana. O filme arrebatou quatro prêmios no Oscar, incluindo o de Melhor Filme, e se tornou a primeira produção não falada em língua inglesa a levar o prêmio principal da premiação (G1, 2020). O filme também teve uma grande arrecadação nas bilheteiras mundiais, se tornando a produção sul-coreana com maior arrecadação da história, cerca de \$263 milhões, e R\$10 milhões somente nas bilheteiras brasileiras (VEJA, 2020).

O desenvolvimento da indústria cultural, por meio da cooperação e estímulo de atores nacionais em prol de um objetivo comum, pode proporcionar crescimento econômico e social para a população do país por meio de políticas externas que também são políticas públicas, pois afetam diretamente os cidadãos de um Estado.

O governo enfatizava a reorganização da educação e promoção de treinamento profissional, expansão da infra-estrutura e eficiência no transporte, administração eficiente, organização industrial e reforço das pequenas e

médias empresas, melhorias na estrutura agrícola, restabelecimento das funções do governo, expansão da abertura econômica, preparação para a unificação e promoção da cooperação norte-sul (MASIERO, 2000, p.13).

O sucesso dos produtos culturais sul-coreanos e seus artistas possibilitou a Coreia do Sul mostrar ao mundo a melhor versão dela mesma. Uma imagem capaz de fortificar elos identitários com seus vizinhos asiáticos, e promover uma maior harmonia dos atores no cenário internacional. Aumentando sua forma de captação e atração, mostrando novas perspectivas de acordos entre países. Fora os grandes feitos econômicos gerados pelas exportações e que acarretaram em benefícios sociais.

Na sociedade internacional contemporânea a diplomacia cultural se mostra cada vez mais uma opção de atuação para a aproximação entre nações. O modelo sul-coreano além de se mostrar um negócio bem-sucedido, usa dos meios políticos culturais para se inserir no SI. A cultura mista desenvolvida na Coreia do Sul possibilitou que novos valores fossem agregados. A conquista de mercados internos levou a expansão regional e posteriormente mundial, cada vez mais focada na internacionalização (KAWANO, 2021). A geração econômica antes local, também ganhou um novo *status* e repertório internacional, aquecendo a economia do país e possibilitando a movimentação de outros *players* que foram atraídos pela economia coreana com uma indústria cultural forte, diversa e cosmopolita.

O desenvolvimento sul-coreano também pode ser mensurado por um tradicional indicador, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). Na década de 1990, a Coreia do Sul começava sua escalada desenvolvimentista no SI e se encontrava na 36° posição do ranking global. Em dez anos já é possível notar um salto para a 26° posição do IDH global. Nos últimos anos o país vem oscilando entre a 22° e 23° posição do ranking internacional (COUNTRY ECONOMY, [2020?]). Um feito relevante para cerca de duas décadas de crescimento, que beneficiou não só a imagem do Estado como a população sul-coreana.

A expansão da inserção internacional do país pode ser observada por meio de avanços como o aumento do número de embaixadas e consulados sul-coreanos em todos os continentes. Atualmente, a Coreia do Sul conta com 118 Embaixadas no exterior, assim como 165 Consulados (EMBASSY PAGES, 2022). Números bastante expressivos para um país de formação e inserção internacional recente, se

comparados por exemplo ao Brasil, que possui tradição diplomática, além da imponência territorial e populacional comparada a da Coreia do Sul. O Brasil possui 112 Embaixadas ao redor do mundo (EMBASSY WORLDWIDE, 2022?).

Dentre as iniciativas do Governo Park em política externa, mereceria ser destacado o "MIKTA", um agrupamento informal das autodenominadas "potências médias", que reúne México, Indonésia, Coreia do Sul, Turquia e Austrália com o objetivo de fortalecer os laços bilaterais, impulsionar a cooperação entre os cinco países e promover a coordenação de posições em temas globais de interesse comum (BRASIL, 2015, p. 6).

A participação sul-coreana em iniciativas como o MIKTA, servem para o fortalecimento e amadurecimento dos demais participantes, possibilitando uma integração, e interlocução com as grandes potências em temas globais.

Todavia, também existem algumas incógnitas que terão de ser solucionadas pelo governo sul-coreano, pois podem interferir no crescente desenvolvimento da Coreia do Sul. O alto nível de endividamento familiar, corporativo e governamental são considerados críticos pelo Fórum Econômico Mundial. Outra questão é a constante diminuição da população econômica ativa, devido ao envelhecimento da população. Além da escassez de recursos naturais para a produção energética por exemplo (BRASIL, 2015). E dessa forma, o país vê na cooperação e interação internacional, ou seja, a diplomacia comercial, como meio de acesso a estes recursos.

A mensuração do *soft power* de um Estado é uma tarefa um tanto complexa. No entanto, o instituto *Brand Finance* propõe alguns meios para pontuar e determinar o grau de poder brando de um Estado. O instituto divide sua avaliação em alguns indexadores, pesquisa popular e também de especialistas. Consistindo nos seguintes elementos: familiaridade; influência; reputação; negócios e comércio; governança; relações internacionais; cultura e tradição; mídias e comunicação; educação e ciência; pessoas e valores; e nos últimos dois anos também passou a contabilizar a resposta à COVID-19 (BRAND FINANCE, 2022). A Coreia do Sul se mostrou um dos principais atores asiáticos, atrás somente da China e do Japão. E na competição a nível mundial em relação ao *soft power*, se mostrou promissor, no primeiro relatório da *Brand Finance* em 2020, o país se encontrava na 14° posição, em 2021 subiu no ranking atingindo a 11° colocação, e em 2022 regrediu e se fixou na 12° posição (BRAND FINANCE, 2022). Mesmo tendo aumentado seu *score* em relação ao ano de 2020,

não foi o suficiente para aumentar seu ranking em comparação a recuperação do *soft power* de outros países como os EUA, Reino Unido e Alemanha.

Nossos dados mostram que os grandes países têm uma clara vantagem – nações menores, especialmente as geograficamente mais remotas – lutam por visibilidade e atenção. Grandes nações atraem mais atenção da mídia, orçamentos maiores para se promover, maior presença diplomática e têm mais pessoas e empresas no mundo (THOMSEN, 2022, tradução livre).¹⁴

Outro índice de *soft power* que nos proporciona uma comparação da expansão da cultura sul-coreana é o *The Soft Power 30* (2019), onde é possível observar o *ranking* do país a partir de 2015 até 2019. Estes dados nos permitem visualizar a escalada crescente do Estado em questão de influência, pois o país inicia em 2015 na 20° posição, mas decai para 22° em 2016. Entretanto, o país avança ano a ano no *ranking*, atingindo novamente a 20° posição em 2018, e em 2019 alcança a 19° colocação. Apesar não possuir dados tão recentes, o *The Soft Power 30* (2019), nos mostra que essa escalada cultural não é um fenômeno tão novo, e também uma estratégia de crescimento consistente por parte da Coreia do Sul e sua agenda cultural. Ainda se comparado aos dados utilizados do instituto *Brand Finance* (2022), podemos notar um aumento considerável do posicionamento no *ranking*, mostrando o fortalecimento do país em artifícios de influência cultural.

Para desenvolvimento da marca nacional de um país é essencial que alguns dos elementos de indexação do poder brando utilizados se destaquem. A familiaridade é importante, pois quanto mais pessoas conhecem, já ouviram falar ou pensam em seu país, maior é a chance de que consumidores, empresários, mídia e *influencers* cogitem se relacionar com o país para as mais diversas relações. No entanto, para Thomsen (2022), não é possível atingir a influência se o país não possui uma reputação construída. Um Estado de reputação pobre terá um poder de atração limitado, pois aspectos fortes pontuais acabam sendo minados por fraquezas de maior relevância. Por isso, podemos ver na construção de uma marca nacional para o Estado sul-coreano, como previamente apresentado, uma estratégia e vantagem para

¹⁴ Traduzido do original: “Our data shows that large countries hold a clear advantage – smaller nations, especially more geographically remote ones – struggle for visibility and attention. Big nations attract more media attention, bigger budgets to promote themselves, bigger diplomatic footprint, and have more people and companies out in the world” (THOMSEN, 2022).

competir no SI.

Alguns resultados da expansão de missões diplomáticas sul-coreanas podem ser observados no relatório do Embaixador Edmundo Fujita, encarregado da Embaixada do Brasil em Seul de 2009 a 2015. A Coreia do Sul vem mostrando uma postura cada vez mais proativa no cenário internacional, por meio da participação em fóruns multilaterais, tirando o foco das tensões com a Coreia do Norte e as relações com EUA, China e Japão (BRASIL, 2015). O país busca agora atuar de maneira propositiva em relação a política externa, promovendo iniciativas de inovação para aumentar a visibilidade do Estado.

De nação pobre e assolada por regimes ditatoriais estrangeiros e nacionais, a elite sul-coreana conseguiu se organizar para promover o desenvolvimento do país. As adversidades derivadas de seu conflito com a Coreia do Norte foram deixadas em segundo plano, o sul prosperou por meio da utilização de sua indústria cultural como ferramenta de promoção no SI. Por meio dessa indústria, pode superar impasses históricos, como o com seu vizinho Japão. A cultura não forma apenas elos identitários, mas também serve como elemento para aproximação entre diferentes atores.

Dessa forma, se estabelece uma relação de cooperação com o setor privado, mais especificamente com a indústria cultural, a sociedade e o governo. Todos trabalhando para o desenvolvimento do país que naturalmente acarreta em benefícios para os envolvidos, sejam eles econômicos, bem-estar social ou influência no SI. De acordo com Kawano (2021), a Coreia do Sul passou de um país com uma política ditatorial reestruturante para um regime cultural, com grande valor econômico e cultural agregado. Os investimentos em cultura melhoram a imagem e o *soft power* do país frente ao mundo. Ultrapassando assim, os pré-conceitos disseminados sobre o país, e edificando a imagem de uma nação com alta tecnologia, desenvolvida e grande competidor e direcionador de tendências de consumo no cenário internacional.

Entre 1998 a 2014, pôde-se observar um incrível aumento de US\$8 milhões para US\$336 milhões nas exportações relacionadas à Korean Wave; enquanto isso, as importações sul-coreanas aumentaram em menor quantidade, de US\$57 milhões para US\$64 milhões. Isso mostra a capacidade da Coreia do Sul em se tornar um símbolo de exportação da indústria cultural, com porcentagens de importações relativamente baixas comparadas aos números de exportações (BILLIG; SILVA, 2022, p. 88).

As consequências desse fenômeno para o Estado sul-coreano são perceptíveis em diversos níveis como já observamos por meio do aumento do IDH, alto grau de escolaridade da população, mão-de-obra qualificada e outros como a alta tecnologia. A Coreia do Sul se beneficiou no âmbito interno com o fenômeno cultural que permitiu sua expansão no cenário internacional.

No âmbito internacional, apesar de menor, o foco no *soft power* também trouxe benefícios. Apesar de ainda ter sua imagem em posicionamentos políticos ainda muito atrelada aos EUA. A Coreia do Sul se mostrou um ator relevante em mediações e interações com seus vizinhos, como a mediação das tensões envolvendo EUA e a Coreia do Norte, por exemplo. A popularidade da marca nacional sul-coreana faz com que mais países busquem o Estado para parcerias nas áreas de educação, intercâmbio cultural e principalmente comercial. E assim, podemos notar que a inserção internacional sul-coreana obteve êxito no que se propõem, a criação e reconhecimento de uma marca sul-coreana, reconhecida internacionalmente por sua alta tecnologia e produtos culturais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito de *soft power* é essencial para a compreensão de que na nova ordem mundial pós-Guerra Fria, os países buscam constantemente por destaque. Em uma era onde as guerras já não são mais o único meio de se mostrar poder, o *soft power* é uma ferramenta indispensável para aqueles que não possuem muitos recursos econômicos, exércitos ou poder bélico. O conceito desenvolvido por Nye se tornou um dos mais básicos e comumente aplicados para explicar diversos fenômenos contemporâneos. A capacidade de atração de um país se tornou um meio primordial para inserção internacional, não somente em termos políticos, mas também diplomáticos e comerciais.

Ao longo do presente trabalho foi possível observar a formação do Estado sul-coreano, desde as ocupações chinesa e japonesa que deixaram a Península Coreana e sua população em um estado econômico e social debilitado, no qual o acesso a comida e outras necessidades básicas era escasso. Essas ocupações geraram tensões nas relações com seus vizinhos asiáticos, que décadas depois passariam a ser superadas. Após a segunda Guerra Mundial e a divisão da Península, temos a formação do Estado sul-coreano que possui sua imagem muito associada aos EUA, devido ao vigente conflito no SI da Guerra Fria e as tensões do país recém-formado com seu vizinho do Norte, apoiado pelos soviéticos. Entretanto, apesar de ser apoiada por um país democrático, a Coreia do Sul passou as suas primeiras décadas sob regimes autoritários, que controlavam as mídias e buscavam uma retomada econômica para um país com recursos escassos. Dessa forma, mesmo sob governos autoritários, as políticas implementadas promoveram o desenvolvimento do país, especialmente o industrial.

A promoção à criação dos conglomerados industriais sul-coreanos foi primordial para o desenvolvimento do país. Os *chaebols* tiveram um papel de relevância em sua interação com o Estado para desenvolver a indústria no país. Possuindo papel crucial na implementação de uma agenda cultural em conjunto com o Estado e a sociedade. A atração de recursos financeiros e a capacitação de pessoal para desenvolver não somente o setor industrial, mas levar desenvolvimento de maneira geral à população. Dentro deste fenômeno, cabe ressaltar a capacitação de profissionais. O sistema educacional desenvolvido na Coreia do Sul, por meio de um

intercâmbio com data de retorno, possibilitou a criação de um dos melhores sistemas educacionais do mundo. E a valorização nacional, tanto por meio de incentivos à pesquisa quanto financeiros, faz com que as pessoas que se capacitam no exterior retornem e compartilhem esse conhecimento dentro da Coreia do Sul. Esse tipo de poder de atração de retorno, é um dos principais destaques da marca nacional sul-coreana. O país estimula o retorno de profissionais de alta formação, e assim também estimula o desenvolvimento em pesquisa.

A agenda cultural foi implementada por meio da tripla hélice, a cooperação de atores internos permitiu a expansão do *soft power* sul-coreano. A interação entre esses atores não foi súbita, mas sim construída ao longo de décadas e fortalecida com a interdependência entre eles, pois o governo promove a industrialização do país e o crescimento da indústria, a indústria estimula o desenvolvimento social, e assim a sociedade passa a apoiar as medidas governamentais. Esse ciclo gera um estado de bem-estar nas áreas econômica, social e política, e consequentemente reflete positivamente na imagem do país frente ao SI.

A indústria cultural sul-coreana iniciou de maneira singela, com poucos sucessos em países vizinhos, mas desde o início trazendo benefícios, como a reaproximação com seu vizinho Japão, com que as relações estavam estremecidas desde a ocupação japonesa no começo do século XX. E em pouco tempo propiciou uma retomada de negociações comerciais e diplomáticas, como pode ser observado na Copa do Mundo de Futebol de 2002, sediada em conjunto pelos dois países, com o objetivo de fazer a Ásia presente no cenário do esporte internacional.

A Coreia do Sul, viu nos seus produtos culturais uma oportunidade. Não apenas de expandir seu comércio internacional, o que por si só já traria bons resultados para a economia do país. Mas como por meio da promoção e implementação de uma agenda cultural, poderia alcançar a população global e expandir a familiaridade da população global com o país, assim como se fazer mais reconhecido no SI.

Com a expansão de produtos culturais para fora da Ásia, a Coreia do Sul notou que estava alcançando um novo patamar, e o consumo não somente de filmes, seriados e músicas aumentou, mas gerou uma reação em cadeia na indústria cultural sul-coreana. A indústria cultural, antes focada em produtos cinematográficos e fonográficos, passou a englobar outros produtos culturais como alimentos, bens de consumo do setor de moda e beleza e também tecnológicos. O setor tecnológico em

especial, viu na onda coreana uma possibilidade de expandir seus negócios por meio de um produto associado ao próprio país.

O Estado sul-coreano investe nos possíveis benefícios que podem vir da indústria cultural. A criação de instituições como o KOFFICE e o estímulo das embaixadas e consulados, através de concursos culturais e promoção de intercâmbios comerciais e educacionais deixa isso evidente. A indústria também visualiza nos produtos culturais uma forma de exportar seus demais produtos, que iniciam com filmes por exemplo e depois se dissemina para outros setores como ao alimentício e de beleza, gerando uma reação em cadeia industrial.

O *soft power* é um conceito de difícil mensuração, apesar de fornecer inúmeros recursos onde podemos observar seu valor, encontrar fontes oficiais ou que se disponham a calcular o crescimento de *downloads* de músicas e seriados de um país, não de fenômenos isolados, assim como os recursos disponíveis e investidos pelo Estado sul-coreano em seus organismos de promoção a disseminação da cultura do país, são de difícil acesso. A tripla hélice, por se tratar de um conceito não tradicional nas RI também tem sua aplicação adaptada, pois a sociedade não está necessariamente ligada às universidades como no conceito original, mas é possível ser trabalhada observando índices relacionados a educação e a capacitação profissional por exemplo. Dados em relacionados ao país e suas indústrias não podem ser encontrados com facilidade, pois ficam concentrados em organismos como Embaixadas e Consulados, com os quais nem sempre é possível lograr sucesso ao contatar. A barreira linguística também é uma dificuldade, afinal o coreano é uma língua que apesar de ter aumentado o número de pessoas interessadas em aprendê-la, não possui muitos falantes fora da península e nem todos os documentos encontrados estão traduzidos, dificultando o rastreamento e análise de alguns dados.

O trabalho nos permite visualizar a necessidade no mundo contemporâneo, de como, da mesma forma que empresas, Estados também precisam afirmar suas marcas no SI. O *branding* é essencial para vender um produto, especialmente para atingir seu público alvo. Estados também possuem objetivos/alvos, no caso da Coreia do Sul, uma maior inserção no SI. A Coreia do Sul, uniu seus atores internos para trabalhar em um projeto comum que beneficiasse a todos. A estruturação da marca nacional sul-coreana por meio da sua agenda e indústria cultural, mostra que a cooperação multi-setorial pode trazer grandes resultados para a imagem de um

Estado frente aos demais atores do SI. Apesar de não ser Estado considerado condutor de propostas no SI, a Coreia do Sul passou a ter posição de destaque na sua região, a Ásia, assim como uma maior participação no SI, além de grande popularidade cultural. O Estado sul-coreano por exemplo, vem utilizando esse recurso com maestria, pois vem coletando com sua expansão cultural não somente ativos financeiros para sua indústria nacional como também o respeito da comunidade internacional e alcançando novos parceiros e aliados por meio de produtos culturais.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, E. *et al.* *A Estratégia De Soft Power da Coréia Do Sul Perante o Sistema Internacional (2008-2013)*. 2021. Artigo (Curso de Relações Internacionais) – Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/19234/5/A%20ESTRAT%20C3%89GIA%20DE%20SOFT%20POWER%20DA%20COR%C3%89IA%20DO%20SUL%20PERANTE%20O%20SISTEMA.pdf>. Acesso em: 5 mar. 2022.

BAN, Yuna. South Korea's Soft Power in Middle Power Diplomacy: Enhancing Popular Culture and its Challenges. **Synergy The Journal of Contemporary Asian Studies** [online], Toronto, 2 dez. 2020. Disponível em: <https://utsynergyjournal.org/2020/12/02/south-koreas-soft-power-in-middle-powerdiplomacy-enhancing-popular-culture-and-its-challenges/>. Acesso em: 11 out. 2021.

BERTELLA, M. A.; RUPPERT, L. A Internacionalização Das Empresas Sul-Coreanas E O Papel Do Estado. **Revista economia contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p.1-24, mai./ago. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rec/a/sBSQb7NXcpPmpqRFSmgCgrq/?lang=pt>. Acesso em: 18 nov. 2021.

BILLIG, O. A.; SILVA, A. P. A Expansão Do Hallyu: O Uso Da Diplomacia Cultural E Seus Impactos Na Economia Sul-Coreana. **Revista Conjuntura Global**, [S.], v. 11, n. 1, p.76-93, 2022. Disponível em: <file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Documents/RI%20-%20UNISC/9%C2%B0%20semestre/TCC/81508-345426-1-PB.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2022.

BRASIL. Embaixada do Brasil junto à República da Coreia. Embaixador Edmundo Fujita. Relatório de Gestão, de 6 de novembro de 2015 [recurso eletrônico]. In: PORTAL DO SENADO FEDERAL, Brasília, DF, 2015. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=4655274&disposition=inline>. Acesso em: 29 mai. 2022.

BTS é o artista com mais músicas no topo da Billboard Hot 100 dos anos 2020. **EXTRA** [online], 27 set. 2021. Disponível em: <https://extra.globo.com/tv-e-lazer/k-pop/bts-o-artista-com-mais-musicas-no-topo-da-billboard-hot-100-dos-anos-2020-25118668.html>. Acesso em: 14 mai. 2022.

CARVALHO, Fernanda. Hallyu wave: a cultura como mecanismo de soft power sulcoreano. In: SILVESTRE, Luciana P. F. (Org.). **Estado e sociedade frente às Questões Sociais** [e-book]. Ponta Grossa: Atena Editora, p. 10-21, 2019. Disponível Em: <https://www.finersistemas.com/atenaeditora/index.php/admin/api/artigoPDF/24452>. Acesso em: 11 out. 2021.

CASTRO, Thales. **Teoria das Relações Internacionais**. Brasília, DF: FUNAG,

2012.

CHANG, Ha - Joon. **Chutando a escada: A estratégia do desenvolvimento em perspectiva histórica**. [S.l.]: Editora Unesp, 2004.

COREIA do Sul - Índice de Desenvolvimento Humano. **Country Economy** [online], [2020?]. Disponível em: <https://pt.countryeconomy.com/demografia/idh/coreia-do-sul>. Acesso em: 12 mai. 2022.

COUNTRY ECONOMY. **Coreia do Sul - Índice de Desenvolvimento Humano**. Country Economy [online], [2020?]. Disponível em: <https://pt.countryeconomy.com/demografia/idh/coreia-do-sul>. Acesso em: 29 mai. 2022.

DAHLMAN, Carl J; KIM, Linsu. Technology policy for industrialization: An integrative framework and Korea's experience. **Elsevier Science Publishers B.V.**, [S.l.], p.437-451, 1992. Disponível em: <file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Documents/RI%20%20UNISC/7%C2%B0%20semestre/Pr%C3%A9-projeto%20de%20TCC/korea%20experience.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2022.

DINIZ, N.; LOPES, R.; SILVA, J. Fenomenologia Fenomenologia. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 61, n. 2, mar./abr. 2008, p. 254-257. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/7y7W8mcJns5c4TY4hgGBqWg/?lang=pt>. Acesso em: 6 abr. 2022.

EFEITO Oscar: 'Parasita' dispara nas bilheterias brasileiras. **VEJA** [online], 17 fev. 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/cultura/efeito-oscar-parasita-dispara-nas-bilheterias-brasileiras/>. Acesso em: 14 mai. 2022.

EMBASSY PAGES. **Republic Of Korea Embassies & Consulates**. Embassy Pages [online], 2022. Disponível em: <https://www.embassypages.com/korearepublic#:~:text=the%20Republic%20of%20Korea%20maintains,consulates%20and%20five%20other%20representations>. Acesso em: 29 mai. 2022.

EMBASSY WORLDWIDE. **List of Diplomatic Missions in Brazil & Brazilian Diplomatic Missions abroad**. Embassy Worldwide [online], [2022?]. Disponível em: <https://www.embassy-worldwide.com/country/brazil#:~:text=Brazil%20itself%20in%20total%20counts,spread%20all%20over%20the%20world>. Acesso em: 29 mai. 2022.

ESTUDOS de alternativas regulatórias, institucionais e financeiras para a exploração e produção de petróleo e gás natural e para o desenvolvimento industrial da cadeia produtiva de petróleo e gás natural no Brasil. Relatório Consolidado. São Paulo: Bain & Company; Tozzini Freire Advogados, 2009. Disponível em: <file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Documents/RI%20%20UNISC/7%C2%B0%20semestre/Pr%C3%A9-projeto%20de%20TCC/Pol%C3%ADticas%20p%C3%BAAblicas%20nacionais.pdf>.

Acesso em: 18 mar. 2022.

ETZKOWITZ, Henry; LEYDESDORFF, Loet. The Triple Helix as a Model for Innovation Studies. **Science & Public Policy**, [S.l.], v. 25, n. 3, p.195 – 203, 1998. Disponível em: <https://academic.oup.com/spp/article-abstract/25/3/195/1630936?redirectedFrom=fulltext>. Acesso em: 28 out. 2021.

ETZKOWITZ, Henry; ZHOU, Chunyan. Hélice Tríplice: inovação e empreendedorismo universidade-indústria-governo. **Inovação**, [S.l.], v. 31, n. 90, mai./ago. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/4gMzWdcjVXCMp5XyNbGYDMQ/?lang=pt>. Acesso em: 31 out. 2021.

GENTIL, Dominique Ribeiro. **Diplomacia cultural sul-coreana**: uma reflexão sobre o papel do KOFICE e sua atuação com as mídias brasileiras. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-Graduação em Relações Internacionais Contemporâneas) - Universidade Federal da Integração Latino Americana (UNILA), Foz do Iguaçu, 2017. Disponível em: https://dspace.unila.edu.br/bitstream/handle/123456789/3461/Artigo_Dominique%20Ribeiro%20Gentil.pdf?sequence=4&isAllowed=y. Acesso em: 12 abr. de 2022

GLOBAL Soft Power Index 2022. **Brand Finance** [online], 2022. Disponível em: <https://brandirectory.com/softpower/nation?country=75&rRegion=1&rCountry=0>. Acesso em: 29 mai. 2022.

GUIMARÃES, Alexandre Queiroz. Estado, instituições e desenvolvimento: o modelo coreano e a interpretação da crise asiática. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 17, n. 34, out. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/mCcKBRM3twLTJSFBQYk4mGG/?lang=pt>. Acesso em: 28 out. 2021.

HYUNDAI. **Behind the scenes**: The all-new TUCSON 'Beyond DRIVE' | Making film. In: YOUTUBE [online], Hyundai World Wide, 13 nov. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AWGtT73d2EQ>. Acesso em: 13 mai. 2022.

JACKSON, R.; SORENSEN, G. **Introdução às relações internacionais: Teorias e Abordagens**. [S.l.]: Editora Zahar, ed. 3, 2018.

JANG, Gunjoo; PAIK, Won K. Korean Wave as Tool for Korea's New Cultural Diplomacy. **Scientific Research: Advances in Applied Sociology**, [S.l.], v. 2, n. 3, p.196-202, set. 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/267160972_Korean_Wave_as_Tool_for_Korea's_New_Cultural_Diplomacy. Acesso em: 15 nov. 2021.

KAWANO, Breno K. Diplomacia cultural como forma de exercício de poder: Soft Power coreano. **UiCeUB**, Brasília, 2021. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/prefix/15309/1/Breno%20Kawano%2021505890.pdf>. Acesso em: 5 jan. 2022.

KOREAN CULTURE AND INFORMATION SERVICE: The Korean Wave: A New Pop Culture Phenomenon. Republic of Korea: Korean Culture And Information Service, 2011. Disponível em:
<https://www.korea.net/Resources/Publications/AboutKorea/view?articleId=2215>.
 Acesso em: 2 mar. 2022.

MINISTRY OF CULTURE, SPORTS AND TOURISM; KOREAN CULTURE AND INFORMATION SERVICE. KOREA.NET. **Hallyu (Korean Wave)**. Culture and the Arts. *In*: KOREA.NET, [online],[2022?]. Disponível em:
<https://www.korea.net/AboutKorea/Culture-and-the-Arts/Hallyu>. Acesso em: 13 mai. 2022.

MINISTRY OF CULTURE, SPORTS AND TOURISM; KOREAN CULTURE AND INFORMATION SERVICE. KOREA.NET. **Ministry of Culture, Sports and Tourism** [online], [2022?]. Disponível em: <http://www.korea.net/AboutUs/Ministry-of-Culture-Sports-and-Tourism>. Acesso em: 21 dez. 2021.

LEE, Geun. A Soft Power Approach to the “Korean Wave”. *The Review of Korean Studies*, **Academy of Korean Studies**, [S.l.], v. 12, n. 2, p.123-137, jun. 2009. Disponível em:
https://pdfs.semanticscholar.org/e42e/0441c010965ef7ffe7c0f83a51b395b0de6a.pdf?_ga=2.155214844.694473661.1622846400-1041603992.1622846400. Acesso em: 4 jun. 2021.

LEE, Seow Ting. Film as cultural diplomacy: South Korea’s nation branding through *Parasite* (2019). **Place Branding and Public Diplomacy** [online], 29 out. 2020. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7786884/>. Acesso em: 12 mai. 2022.

LIMA, Uallace M. O debate sobre o processo de desenvolvimento econômico da Coreia do Sul: uma linha alternativa de interpretação. **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 3 (61), p. 585-631, dez. 2017. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/ecos/a/6BW95ffZX6qx3CgdHtXVFzQ/?lang=pt>. Acesso em: 19 abr. 2022.

LOBO-FERNANDES, Luís. Soft power: o jogo de atração cultural e as vantagens da cooperação. **Recensão**, [S.l.], p.169-172, jun. 2005. Disponível em:
http://www.ipri.pt/images/publicacoes/revista_ri/pdf/r6/RI6_rec01_LFernandes.pdf. Acesso em: 12 out. 2021.

MANIFESTO por um modelo completo. [S.l.]: ICE; Fundação Grupo Boticário; Move Social; Sense Lab, c2018. Disponível em: <https://www.cmodel.co/>. Acesso em: 28 out. 2021.

MARASCIULO, Marília. Coreia do Sul: 4 pontos para entender o país asiático. **Revista Galileu** [online], 22 jan. 2020. Disponível em:
<https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2020/01/coreia-do-sul-4-pontos-para-entender-o-pais-asiatico.html>. Acesso em: 23 fev. 2022.

MASIERO, Gilmar. A Economia Coreana: Características Estruturais. **IPRI do Ministério das Relações Exteriores do Brasil**, Rio de Janeiro, out. 2000. Disponível em: <http://www4.pucsp.br/geap/artigos/art6.PDF>. Acesso em: 5 mar. 2022.

MORAVCSIK, Andrew. Taking Preferences Seriously: A Liberal Theory of International Politics. **International Organization**, [S.l.], n. 51, p. 513–553, 1997. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/international-organization/article/abs/taking-preferences-seriously-a-liberal-theory-of-international-politics/04527E00D02130C6DCCB57A98EFB6AD3>. Acesso em: 26 set. 2021.

MOREIRA JR, Hermes. Do estado empreendedor ao mito da não-intervenção: a inovação como instituição nos estados unidos. **Esboços: histórias em contextos globais**, [S.l.], v. 24, n. 38, p. 263-285, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2017v24n38p263/37483>. Acesso em: 29 out. 2021.

MORGENTHAU, Hans J. **Politics Among Nations**. Ed.7, [S.l.], McGraw-Hill, 2005.

MÚSICOS do BTS fazem discurso na Assembleia Geral da ONU. **EXAME** [online], 20 set. 2021. Disponível em: <https://exame.com/casual/musicos-do-bts-fazem-discurso-na-assembleia-geral-da-onu/>. Acesso em: 14 mai. 2022.

NOGUEIRA, J. P.; MESSARI, N. **Teoria das Relações Internacionais: Correntes e Debates**. Rio de Janeiro, RJ: Elsevier, 2005.

NYE. JR, Joseph S. **O Paradoxo do Poder Americano**. São Paulo, SP: Fundação Editora da UNESP, 2002.

NYE. JR, Joseph S. **Soft Power: The Means To Success In World Politics**. Nova Iorque, NY: Public Affairs, 2004.

ORTEGA, Rodrigo. K-pop é poder: Como Coreia do Sul investiu em cultura e colhe lucro e prestígio de ídolos como BTS. **G1** [online], 22 mai. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2019/05/23/k-pop-e-poder-como-coreia-do-sul-investiu-em-cultura-e-colhe-lucro-e-prestigio-de-idolos-como-bts.ghtml>. Acesso em: 20 jul. 2022.

'PARASITA' é o grande vencedor do Oscar 2020, com quatro prêmios. **G1** [online], 10 fev. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/cinema/oscar/2020/noticia/2020/02/10/parasita-e-o-grande-vencedor-do-oscar-2020.ghtml>. Acesso em: 14 mai. 2022.

SCAVASSA, Isabele. BTS faz Galaxy S20 virar celular mais popular de março. **TECHTUDO** [online], 5 abr. 2020. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2020/04/bts-faz-galaxy-s20-virar-celular-mais-popular-de-marco.ghtml>. Acesso em: 13 mai. 2022.

SILVA, J. SANTOS, E. O Mercado Fonográfico Sul-Coreano: um paralelo entre a

Escola de Frankfurt e o K-pop enquanto produto da indústria cultural. **42° Congresso Brasileiro De Ciências Da Comunicação - Intercom**, Belém, PA, 2-7 set. 2019. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-0843-1.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2022.

SAJNACH, Paulina. The Korean Wave: From PSY to BTS -The Impact of K-Pop on the South Korean Economy. **Asia Scotland Institute**, University of Sterling [online], 22 jan. 2021. Disponível em: <https://www.asiascot.com/news/2021/01/22/the-korean-wave-from-psy-to-bts-the-impact-of-k-pop-on-the-south-korean-economy/>. Acesso em: 12 mai. 2022.

SOUTH KOREA. Korean Cultural Center New York. New York: **Archives** [online], [2021?]. Disponível em: <https://www.koreanculture.org/archives>. Acesso em: 30 out. 2021.

THE Soft Power 30. **USC Center on Public Diplomacy**, Portland, 2019. Disponível em: https://softpower30.com/country/south-korea/?country_years=2018. Acesso em: 20 jul. 2022.

THOMSON, Steve. Familiarity, Reputation, and Influence: All Three Drive Soft Power Success. **Brand Finance** [online], 15 mar. 2022. Disponível em: <https://brandfinance.com/insights/2022-soft-power-success>. Acesso em: 29 mai. 2022.

YOO, Jisung. The Role of Official News Releases of the Korean Ministry of Culture, Sports, and Tourism in the Success of the Korean Wave, 2018. **International Journal of Korean Studies**, [S.l.], v. 22, n. 2, 2018. Disponível em: <http://content.ebscohost.com/ContentServer.asp?T=P&P=AN&K=138306335&S=R&D=asn&EbscoContent=dGJyMMTo50SeqLI4v%2BbwOLCmsEiep7NSrqi4TbOWxWXS&ContentCustomer=dGJyMPGqsEy2rLBRuePfgex44Dt6fIA>. Acesso em: 06 fev. 2022.

WALTZ, Kenneth N. **Theory of International Politics**. [S.l.]: Waveland Pr Inc., 2010.